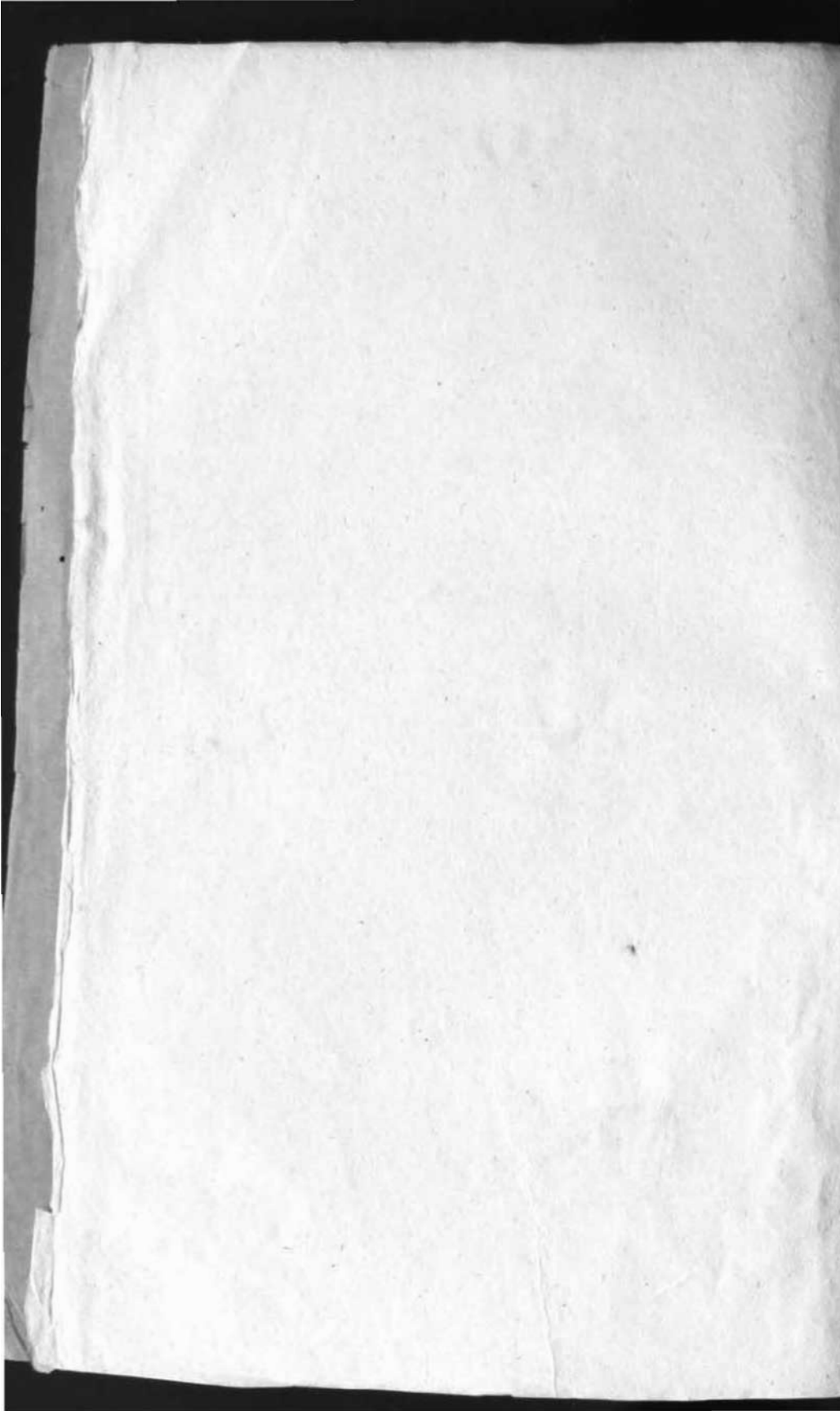


EDITOS,
E
FACTOS NOTAVEIS
DE
VARÕES ILLUSTRES.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

23



FACTOS NOTAVEIS

DITOS,

E

FACTOS NOTAVEIS

DE

VARÕES ILLUSTRES.



NOTES

FACTS - NOTICES

THESE NOTES

DITOS,
E
FACTOS NOTAVEIS
DE
VARÕES ILLUSTRES,

COMPILADOS

FOR

José Homem Corrêa Telles.

Mandados publicar por sua filha D. Mariana Rosa Corrêa Telles,
para educação da Mocidade.



COIMBRA,
NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1851.

REVISED

FACTS NOTABLE

IN

VARIOUS INDUSTRIES

CONCERNING

THE

MANUFACTURING AND MINING INDUSTRIES

Published by the U.S. Bureau of Economic Warfare, Washington, D.C., 1918.



BY THE BUREAU OF ECONOMIC WARFARE

1918

DITOS,

E

FACTOS NOTAVEIS

DE

VARÕES ILLUSTRES.

1.

CONSTA que Alexandre de Gusmão escreveu de ordem do Sr. Rei D. João V. ao Corregedor do Crime da Corte e Casa, Ignacio da Costa Quintella, em 20 de Janero de 1745 :

« Sua Magestade me manda advertir a Vm.^{cc}, que
« as leis costumam ser feitas com muito vagar e so-
« cego, e nunca devem ser executadas com accelera-
« ção; e que nos casos crimes sempre ameaçam mais,
« do que na realidade mandam; devendo os ministros
« executores dellas modificall-as em tudo o que lhes
« for possivel, porque o legislador é mais empenhado
« na conservação dos vassallos, que nos castigos da
« justiça; e não quer que os ministros procurem achar
« nas leis mais rigor, do que ellas impõem. »

Linh. do Proc. Crim. §. 242. Not.

2.

El Rei D. Affonso II. é auctor da lei incorporada na Ordenação Liv. 3.^o Tit. 137., que quando elle Rei por

seu moto proprio mandasse matar alguém, ou cortar algum membro, sem ordem nem figura de juizo, mas por motivo de ira, se demorasse a execução por vinte dias.

BRANDÃO, *Monarq. Lus.* liv. 13. cap. 21.

3.

Houve em outro tempo no Egypto lei, que mandava prestassem juramento os juizes, de não obedecerem ás ordens do Principe, quando determinassem injustiça.

PLUTARCO, *Apophthegm.* pag. 369.

O mesmo recommendava Luiz XII. da França.

Dicc. Hist. art. *Luiz XII.* pag. 322.

4.

Cotys, Rei de Thracia, tendo recebido de um amigo uns vasos de porcellana muito bem trabalhados, recompensou magnificamente a quem lh'os mandou; e quebrou logo os vasos, receando que em algum movimento da sua cholera poderia vir a castigar com muito rigor a quem lhe quebrasse algum.

PLUTARCO, *Apophthegm.* pag. 371.

5.

Dionysio o moço, Tyranno de Sicilia, depois de ter sido expulso de Syracusa, foi perguntado por um *quidam*, de que lhe tinha servido o estudo de Platão e da Philosophia?

Respondeu: « De soffrer com animo uma tamanha mudança de fortuna. »

PLUTARC., *ib.* pag. 382.

6. Outro perguntou-lhe, como é que seu pae, de pobre e obscura geração, tinha podido alcançar o supremo poder; e elle, sendo herdeiro de seu pae, se tinha deixado despojar?

Respondeu: « É porque meu pae tomou a administração da republica, quando o governo popular era aborrecido; e eu, quando a tyranmia se tinha feito odiosa. »

PLUTARC., *ib.* pag. 382.

7.

Philippe, pae de Alexandre Magno, felicitava os Athenienses por poderem eleger todos os annos dez generaes, quando elle no decurso de muitos annos apenas tinha podido achar Parmenion.

PLUTARC., *ib.* pag. 387.

8.

Disseram a Philippe, que Nicanor dizia muito mal delle; e todos os cortesãos eram de parecer, que merecia ser castigado. Philippe lhes disse que, sendo Nicanor um dos homens honrados da Macedonia, cumpria averiguar, se elle teria razão de queixa. Veio a descobrir-se, que Nicanor estava reduzido a extrema pobreza, e que não tinha recebido beneficio algum do Rei. Philippe reparou logo esta negligencia: e Smicyto veio dizer-lhe, que Nicanor não cessava de o elogiar. = Abi verás, lhe respondeu Philippe, que na nossa mão está o fazer, que digam bem ou mal de nós. =

PLUTARC., *Apophthegm.* pag. 388.

9.

Philippe dizia, que devia obrigação aos oradores de

Athenas, porque pelas suas criticas o faziam ser melhor. = Eu me esforço, continuava elle, a convencel-os de mentira pelas minhas palavras e acções. =

PLUTARC., *ib.*

10.

Diziam-lhe que expulsasse da sua corte a um homem, que dizia mal delle. « Tal não farei, respondeu Philippe, para que elle não vá a outra parte espalhar as suas maledicencias.

PLUTARC., *ib.*

11.

Lasthenes Olintiano queixou-se-lhe, que alguns de seus cortesãos o tinham chamado tractante. Respondeu-lhe: = Os Macedonios são grosseirões; chamam a cada cousa pelo seu nome. =

12.

Uma pobre mulher sollicitava muita vez a Philippe sobre a decisão de uma questão. Philippe lhe disse um dia, que não tinha tempo de a ouvir. = Não sejaes então nosso Rei = lhe replicou a mulher. Tocado desta resposta atrevida, escutou-a, e a quantos se lhe appresentaram.

PLUTARC., *Apophthegm.* pag. 393.

13.

Estava-se fazendo leilão de um grande numero de prisioneiros, e Philippe estava sentado a ver, com a roupa mal composta, e de um modo pouco decente. Um dos prisioneiros lhe disse. = Philippe fazei-me graça; a minha familia é amiga da vossa. = Pergun-

tou-lhe o Rei, como e por que modo se tinha formado essa amizade? = Eu vol-o direi ao ouvido = respondeu o prisioneiro. Philippe fel-o chegar ao pé de si, e elle lhe disse: = Componde a roupa, que não estaes decente. = « Dai-lhe liberdade, disse Philippe: este homem é meu amigo, e eu não o sabia. =

PLUTARC., *Apophthegm.* pag. 392.

14.

Um dia, que se julgava uma causa de um tal Machitas, Philippe tinha adormecido, e não tendo ouvido a defesa, por fim condemnou-o. Machitas clamou, dizendo, que appellava. = Para quem? = lhe disse Philippe irado. = Para vós mesmo, Senhor, quando vós não estejaes com o somno, e me possaes ouvir. = Philippe fez instruir o processo de novo; e conhecendo que o homem tinha razão, por não desfazer a sentença, que tinha dado, pagou por elle.

PLUTARC., *ib.* pag. 393.

15.

Rhynsault, governador de Zelandia, namorou-se de Zafira, mulher de Danvelt, negociante rico. Não podendo conseguir della o que desejava, fez prender o marido debaixo do pretexto de ter intelligencias com os inimigos do Duque de Borgonha, senhor da cidade. Zafira foi lançar-se aos pés do governador; este chamou-a ao seu gabinete, e disse-lhe que na mão della estava salvar a vida ao marido, dando a entender o criminoso modo de o livrar. Ella foi contar isto ao marido preso, que lhe respondeu, fizesse ella o que lhe parecesse. Na manhã seguinte foi ella falar ao governador; este se aproveitou della para consummar a torpeza; e despedindo-a, disse-lhe, que não levasse ella a mal,

que elle tivesse tomado cautela de o marido não servir de estorvo a seus futuros passatempos. Ao chegar ella á cadeia, achou já o marido degollado por ordem do governador. Soffreu em silencio a sua dor, e deliberou ir á corte do Duque contar-lhe suas desgraças. O Duque mandou chamar Rhynsault; e confrontando-o com Zafira, perguntou-lhe, se a conhecia. Respondeu elle, que estava prompto a casar com ella, se Sua Alteza julgasse ser esta a conveniente reparação do mal. Consentiu o Duque, exigindo que queria assistir á celebração do casamento. Concluido este, disse o Duque, que não ficava satisfeito, se elle governador não fizesse escriptura á mulher de todos os seus bens, para depois da morte delle. Fez elle a escriptura: e concluida, disse o Duque a Zafira, que nada mais lhe restava, que fazel-a metter de posse dos bens de seu consorte, pois que elle lhe tinha feito doação delles; e mandou immediatamente que Rhynsault fosse morto para satisfação da justiça publica.

Spectator, N.º 491.

16.

O Imperador Adriano nas viagens, que fazia ás diversas provincias do Imperio, não era oneroso aos provincianos. Viajava a pé á frente das tropas, exposto á chuva e ao sol, e acampava com ellas, comendo como um soldado, de modo que elle parecia o primeiro soldado do Imperio: e era tão popular, que chegava a ir tomar banho nos banhos publicos junto com o povo.

Dicc. Hist., art. *Adrien VIII.*

17.

Agasicles, Rei de Lacedemonia, sendo perguntado, como um Rei podia viver tranquillo? respondeu: =

tractando seus vassallos, como um pae tracta seus filhos. =

Dicc. Histor., art. *Agasicles*.

18.

Agesiláo II., Rei de Esparta, dizia: = O Rei da Persia, que vós chamaes grande, para ser maior que eu, é preciso que elle seja mais justo. =

Dicc. Histor., art. *Agesilas II.*

19.

Agis II., Rei de Esparta, dizia, que os invejosos eram bastante infelizes, pois eram tão atormentados com as felicidades dos outros, como com as suas próprias desgraças.

Dicc. Hist., art. *Agis II.*

20.

Turino vendia o seu credito, que tinha perante o Imperador Alexandre Severo. Sabendo-o este, mandou que o prendessem a um poste, e que accendessem em roda fogueiras com ramos e hervas verdes: entre tanto que um pregoeiro gritasse: = O vendedor de fumo é castigado com o fumo. =

Dicc. Hist., art. *Alexandre Sévere*.

21.

O Imperador Alexandre Severo alimpou do palacio Imperial todos os cargos inuteis, e o luxo das equipagens e das mesas, sendo antes d'elle um golfo, que engolia todas as rendas do Imperio. Dizia, que a majestade imperial deve ser sustentada pela virtude, e não pela vã ostentação. Nos dias de cerimonia não

iam á sua mesa mais que dous capões e duas frangas.

Dicc. Hist., vbo. *Alex. Sévér.*

22.

O mesmo Imperador não soffria que fossem vendidos os officios, que dão poder de fazer bem e mal. « Porque, dizia elle, é forçoso que quem compra por grosso venda a retalho. »

Dicc. Hist., *ib.* pag. 117.

23.

Aleixo Comneno, Imperador Grego, tendo ganhado uma batalha aos Scythas, um official chamado Sinesio propoz-lhe que fizesse matar os prisioneiros, para evitar o receio de se revoltarem. Respondeu: = Os Scythas por serem Scythas, não deixam de ser homens; e por terem sido nossos inimigos, nem por isso são indignos da nossa compaixão. Eu não sei como vós podestes conceber uma idéa tão cruel, e ter o arrojo de m'a propor. =

Dicc. Hist., vbo. *Alexis I.*

24.

Alfredo o grande, Rei d'Inglaterra, repartia o seu tempo em tres partes iguaes: uma para os exercicios de piedade; outra para o somno, leitura e recreação; e a outra para os cuidados do reino. Assim lhe chegava o tempo para tudo. Como ainda então não havia relógios, gastava cada dia seis velas; cada uma durava quatro horas; e os seus capellães tinham o cuidado de lhe advertir, quando cada uma vela estava gasta.

Dicc. Hist., art. *Alfred.*

25.

Scipião o Africano, vencedor dos Celtiberos da Hespanha, sendo-lhe trazida uma senhora de uma belleza rara, soube que ella estava contractada a casar com Al-lucio. Chamou-o, e entregou-lh'a, dizendo-lhe que a guardára com cuidado, para que o presente fosse digno de quem o dava, e de quem o acceitava, « Sê amigo da republica Romana; e é todo o reconhecimento, que de ti espero. = Ainda em cima lhe deu para a ajuda do dote o dinheiro, que os paes da esposada offereceram pelo seu resgate.

Dicc. Hist., art. *Allulius*.

26.

Amasis, Rei do Egypto, poz uma lei notavel: que cada pessoa seria obrigada a dar conta ao magistrado cada anno, de qual era o modo da sua subsistencia.

Dicc. Hist., art. *Amasis*.

27.

Amadeu IX., Duque de Saboia, era grande bemfeitor dos pobres. Disseram-lhe uma vez, que com as suas esmolas esgottava as rendas do Estado. = Pois bem, ahi está o collar da minha Ordem: vão vendel-o, e allivie-se o meu povo. = Morreu sanctamente.

Dicc. Hist., art. *Amédée IX*.

28.

Antiocho Sidetes, Rei da Syria, tendo-se perdido andando á caça, foi parar a casa de um lavrador, que o não conhecia. Perguntando-lhe, o que se dizia do Rei, respondeu: = Nosso Rei é justo e benefico; mas tem máos ministros. = No dia seguinte foram achar o Rei;

e o lavrador então soube que era o seu hospede. Pediu-lhe perdão do que lhe tinha dito: o Rei lhe respondeu: = Tu me revelaste verdades, que eu não tinha ouvido na minha corte. =

Dicc. Hist., Antioch. VII.

29.

O Imperador Antonino Pio não quiz que o Senado devassasse dos que tinham conspirado contra elle na occasião de ser elevado ao Throno. = Eu não quero, lhe disse elle, começar o meu reinado por actos de rigor. Não seria agradável, nem honroso, que vossas informações provassem, que eu sou aborrecido de um grande numero de meus concidadãos. =

Dicc. Hist., Antonin., pag. 230.

30.

Quando lhe gabavam as conquistas desses illustres matadores, que têm desolado a terra, dizia: = Eu prefiro a vida de um cidadão á morte de mil inimigos. =

Dicc. Hist. ib.

31.

Apollonias, mulher de Attalo, Rei de Pergamo, dizia, que dava graças a Deos, não de a ter feito Rainha, mas de gozar do prazer de ver seus filhos tão amigos. Com effeito os tres mais novos faziam a função de guardas do irmão mais velho.

Dicc. Hist., Apollonias, pag. 239.

32.

Archidame, Rei de Esparta, escreveu a Philippe, Rei de Macedonia, altivo com o feliz successo das suas

armas, = que olhasse elle a sua sombra ao sol, e ob-
servasse, se ella era maior, do que era antes de ter
ganhado a victoria. =

Dicc. Hist., Archidame, pag. 254.

33.

Artaxerxes, Rei da Persia, dizia aos seus officios :
= Não empregueis a espada, quando a bengala é ba-
stante =; querendo dizer, que os castigos fossem pro-
porcionadõs aos delictos.

Dicc. Hist., art. Ardschir, pag. 257.

34.

O mesmo Rei Artaxerxes escreveu regras de bem
viver, dirigidas aos Principes e aos vassallos. As suas
maximas eram :

= Que o povo é mais obediente, quando o Rei é
justo. = Que o mais máo de todos os Principes é
aquelle, que as pessoas de bem temem, e do qual os
máos esperam. =

Dicc. Hist., ubi supra.

35.

Ariston, Rei de Lacedemonia, a um, que lhe disse,
que o dever de um Rei era fazer bem aos seus ami-
gos, e mal aos seus inimigos, respondeu, = Que mais
convinha a um Rei conservar seus antigos amigos, e
fazel-os novos d'entre os seus inimigos. =

Dicc. Hist., vbo Ariston.

36.

Aubigné, estando deitado na guarda roupa do Rei
Henrique IV., disse para La Force: = Nosso amo é

o homem mais ingrato, que ha no mundo =. La Force, que estava com o sono, lhe perguntou: = Que é o que tu dizias? = O Rei, que tinha ouvido, cuidando elles que elle estava dormente, lhe gritou: = Estás surdo? Dizia elle que eu sou o mais ingrato dos homens. = « Dormi, Senhor, lhe tornou Aubigné, que nós temos ainda mais cousas que dizer. » « No dia seguinte, conta Aubigné na sua Historia, não me mostrou o Rei má cara; mas tambem não me deu nem um soldo de mais. »

Dicc. Hist., art. Aubigné.

37.

Aureng-Zeb, Rei do Grão-Mogol, dizem que exclamava algumas vezes: = A vós, Deos poderoso, é que eu devo o throno: pois de um pobre Faquir fizestes o maior Rei do universo, para ensinar aos homens, que vós humilhaes os soberbos, e elevaes os humildes. =

Dicc. Hist., art. Aureng-Zeb.

38.

O mesmo Rei dizem que respondêra com indignação a um ministro, que lhe representava que o excesso do trabalho podia ser-lhe pernicioso: = Infelizes somos os Reis! Todo nos arrasta á molleza; as mulheres por suas caricias, e os prazeres por seus attractivos. Ainda em cima vêm os ministros com vozes perdidas combater a virtude, sempre fraca e vacillante, dos Reis, para os perderem com funestos conselhos! =

Dicc. Hist., ib. pag. 371.

39.

Bajazeto, Imperador Turco, foi prisioneiro de Tamerlão, Imperador Tartaro, que o metteu em uma gaiola

gaiola de ferro. Bajazeto era torto dos olhos, e Tamerlão coxo. Este, vendo um dia aquelle na sua gaiola, dizem que lhe dissera: = Deos faz bem pouco caso dos reinos e dos imperios, pois que elle os dá a homens taes como nós; e o que elle tira a um vesgo, dá-o a um coxo =.

Dicc. Hist., art. *Bajazet I.*

40.

Basilisco, cunhado do imperador Leão I, usurpou o imperio do Oriente a Zenon o Isaurio, não fez uso do seu poder, senão para roubar os povos, e opprimil-os com impostos. Tinha por maxima que um rei, que quer governar com auctoridade, deve devorar a raiva, que inspiram suas injustiças.

Dicc. Hist., art. *Basilisque* pag. 72.

41.

Disseram a Henrique IV. da França, que o marechal Biron dizia mal delle, dos seus costumes e do seu governo. Respondeu o rei: = Creio bem todas essas linguagens do marechal; mas não se devem sempre tomar ao pé da letra as suas rodomantadas e jactancias. É preciso supportal-o como homem, que não sabe mais que dizer mal dos outros, e gabar-se excessivamente.

Dicc. Hist., art. *Biron* pag. 190.

42.

Cabades, rei da Persia, tendo tomado Amida, a abandonou á pilhagem. Um velho representando-lhe que a carnagem, que se exercitava no saque, era indigna de um rei, respondeu Cabades: = É para vos punir da vossa resistencia =. « Mais a nossa resistencia foi grande

(replicou o velho), mais gloriosa foi a vossa victoria. = Esta resposta desarmou Cabades, e fez cessar o saque.

Dicc. Hist., art. *Cabades*.

43.

A rainha Isabel perguntou a Cargli, o que se dizia della na corte. Respondeu: = Dizem que Vossa Magestade tem muito pouco espirito, porque d'entre vinte e quatro maridos, que a têm pretendido, não tem sabido escolher um =.

Dicc. Hist., art. *Cargli* pag. 435.

44.

Caulet, bispo de Pamiers, foi sequestrado por ordem regia, e foi reduzido a viver de esmolas. Pellatier, seu amigo, tendo-lhe enviado uma somma, o Padre de La Chaise quiz punil-o por este acto de caridade. Luiz XIV. não consentiu, dizendo: = Não quero que se diga, que no meu reinado um homem foi punido, por ter feito esmola =.

Dicc. Hist., art. *Caulet* pag. 487.

45.

Carlos Magno não dava bispado, nem beneficio a quem tivesse já outro. = Porque, dizia elle, por este meio posso multiplicar os que me sejam obrigados. Um sujeito, que tenha muitas abbasdias, não me é mais affecto, do que tendo só uma =.

Dicc. Hist., art. *Charles Magne* pag. 539.

46.

Carlos V., rei de França, por alcunha o Sabio, tendo noticia que um senhor tinha discorrido muito livre-

mente diante de Carlos, herdeiro da coroa, despediu-o da corte, e disse aos que estavam : = É preciso inspirar aos filhos dos principes o amor da virtude, a fim de que elles excedam em boas obras áquelles, a quem excedem em dignidade =.

Dicc. Hist., art. IV. Charles V., le Sage.

47.

Considerando (diz o presidente Hesnault) o infeliz tempo, que reinou Carlos VI., não é facil de comprehender a cegueira dos povos. Elles abandonam sem a menor murmuração as leis fundamentaes do estado ao furor de uma rainha deshonrada, e á imbecillidade de um rei sem vontade; quando em outros tempos elles se oppõem com vehemencia a disposições sabias, feitas para os fazer felizes.

Dicc. Hist., art. V. Charles VI.

48.

Carlos V. imperador dizia : = Os fidalgos saqueiam-me; os homens de letras instruem-me; os negociantes enriquecem-me =.

Dicc. Hist., art. Charles V. pag. 559.

49.

Carlos I. de Inglaterra, pouco antes de ser degollado, escreveu ao filho mais velho : = Os Inglezes são um povo sabio, ainda que ao presente estejam enfatuados. Se Deos vos der fortuna, rogai com modestia, e afastai sempre sentimentos de vingança. Se vos restabelecerem com condições duras, observai tudo o que tiverdes promettido. Minha experiencia vos ensine a não affectar mais poder, que realmente não é necessario para o bem dos subditos, nem para satisfação dos fa-

voritos. Deste modo nem vos faltarão meios de serdes um bom pae a respeito de todos; e um principe liberal para com aquelles, a quem quizerdes favorecer =.

Dicc. Hist., pag. 563.

50.

Quando Carlos XII. fazia a guerra na Polonia, a princeza Lubomirski retirou-se para a Allemanha, e Hagen, tenente-coronel Sueco, a apanhou em uma embuscada. O rei informado escreveu por sua mão a Hagen: = Como eu não faço guerra ás damas, o tenente-coronel porá a prisioneira em liberdade com tudo quanto lhe pertence: e se ella se não considerar em segurança no resto da jornada, o tenente-coronel a escoltará até ás fronteiras da Saxonia =.

Dicc. Hist., Charles XII. pag. 569.

51.

Carlos Manoel, duque de Saboia, disse em 1763 a um seu valido: = O dia de hoje é o mais bello de toda a minha vida: acabo de supprimir o ultimo imposto extraordinario, que pesava sobre o meu povo =.

Dicc. Hist., pag. 578.

52.

Chosroes, rei da Persia, andando á caça, teve desejos de comer um prato de caça; os criados foram a uma aldeia vizinha buscar o sal para a temperar. O rei desconfiou que elles não tivessem pagado o sal, e mandou que logo logo o fossem pagar. E virando-se para o seu ministro, disse-lhe: = Isto val pouco em si, mas para mim val muito. Um rei deve sempre ser justo, porque serve de exemplo a seus vassallos. Se me é impossivel fazer observar as leis da justiça nas mais

pequenas cousas, devo ao menos fazer ver, que é possível observal-as ==.

Dicc. Hist., art. *Chosroes* pag. 630.

53.

O mesmo rei ouviu um correio, que vinha bradando! = Deos é justo. O implacavel inimigo do nosso rei acaba de morrer ==.

Respondeu Chosroes: = A Deos não praza, que eu me alegre pela morte de um inimigo. Nada ha mais ridiculo aos mortaes, do que alegrarem-se á vista de um exemplo de mortalidade ==.

Dicc. Hist., *ib.*

54.

Christina, rainha de Suecia, falando da revogação do Edicto de Nantes, dizia que a França se podia comparar a um doente, que corta um braço para curar o seu mal, podendo cural-o mais suavemente com paciencia e brandura.

Dicc. Hist., art. *Christine* pag. 636.

55.

O imperador Severo fazia em pessoa o processo a Cassio Clemens, senador, que tinha seguido o partido de Pescennius Niger. Cassio lhe representou, — que a causa de Niger, ainda que vencido, não era menos justa que a d'elle Severo vencedor; que ambos tinham tido o mesmo intento, qual o desthronar um usurpador; e que se Severo punia os partidistas de Niger, devia tambem punir os seus proprios; alias commetteria uma injustiça, de que se não poderia lavar aos olhos da posteridade. Estas reflexões fizeram que o imperador

entrasse em si; concedeu a vida a Cassio, e uma parte dos seus bens.

Dicc. Hist., art. I. *Clément* pag. 665.

56.

Clemente XIV., papa, mandou fazer uma lista dos mais celebres escriptores dos seus estados, para os recompensar. = É justo, dizia elle, que os auctores, que nos instruem e nos edificam, achem remuneração nos principes. O dinheiro não póde ser melhor empregado, que em sustentar o merito, e encorajar os talentos. É vergonhoso que não haja premios, sendo para os que descobrem os malfeitosres, e que ninguem se informe da fortuna, nem dos teres dos homens, que esclarecem o mundo =.

O mesmo se conta do sr. rei D. João II.

Dicc. Hist., art. *Clément XIV.* pag. 675. — *FA-RIA*, *Europ.* Tom. 2.º pag. 6.

57.

Clovis I., rei de França, teve arte de apanhar ás mãos a Ranacario, rei de Cambray, e a Ricario, seu irmão, e matou-os. Os traidores, de que se serviu para lh'os entregarem, queixaram-se de elle lhes ter pagado com cobre dourado em lugar de ouro. = Que se coem, disse elle, e que me agradeçam a vida. Eu devia pagar-lhes em moeda falsa o serviço de falsos amigos, que atraçoaram a seu amo, e a sua honra =.

Dicc. Hist., art. *Clovis* pag. 695.

58.

Conrado III., imperador, tendo tomado Winsberg, determinou fazer prisioneiros todos os homens, e dar liberdade ás mulheres; concedendo-lhes de levarem o

que ellos quizessem. Tomaram os maridos ás costas, e os meninos nos braços; e assim iam saindo da cidade. O imperador, commovido do seu amor, perdoou a todos os habitantes.

Dicc. Hist., art. *Conrad III.* pag. 756.

59.

Creso, rei da Lydia, mostrou os seus thesouros e preciosidades a Solon, para lhe persuadir o muito que era feliz. Solon lhe disse, — que se não podia dizer feliz pessoa alguma antes da sua morte.

Na guerra contra Cyro foi Creso vencido e prisioneiro, e condemnado a ser queimado vivo. Accesa a fogueira, Creso exclamou dizendo tres vezes = Solon! = Cyro perguntou, porque elle se lembrava de Solon; e contando elle a reflexão, que lhe tinha feito o sabio Grego, Cyro, compungido da instabilidade das cousas humanas, suspendeu o castigo, e o honrou com a sua confiança.

Dicc. Hist., art. *Cræsus* pag. 60.

60.

Delfidio accusou Numerio, governador da Gallia Narboneza, do crime de peculato perante o imperador Juliano. Numerio negou os factos; e Delfidio, não os podendo provar, disse: = Que culpado passará por innocente, illustre Cesar, se basta negar seus crimes? =

Respondeu em prompto Juliano: = E que innocente não passará por culpado, se for bastaute o ser accusado? =

Dicc. Hist., art. *Delphidius.*

61.

Um rei, dizia Diocleciano, não vê a verdade com

os seus olhos; é forçado o fiar-se nos olhos dos outros, e é quasi sempre enganado. Movem-no a amontoar graças sobre aquelles, que só mereceriam castigos, e a punir aquelles, a quem elle deveria recompensar.

O mesmo se conta de Gordiano.

Dicc. Hist., art. *Diocletien* pag. 180. — Vid. *Gordien* pag. 151.

62.

Domiciano não lia senão as Memorias de Tiberio, para ahí estudar as maximas da tyrannia.

Dicc. Hist., art. *Domitien* pag. 203.

63.

André Doria era importunado por um dos seus pilotos; e um dia appresentando-se-lhe, disse que lhe ouvisse só tres palavras. = Pois dize, respondeu Doria, mas se dizes mais, mando-te enforcar. = O piloto tomou a palavra, e disse: = Dinheiro ou baixa =. André Doria satisfeito mandou-lhe pagar, e conservou-o no seu serviço.

Dicc. Hist., art. *Doria* pag. 214.

64.

O imperador Maximiliano dizia: = Eu posso de um camponio fazer um nobre: mas não me é possivel de um ignorante fazer um homem tão habil, como Alberto Durer =.

Dicc. Hist., art. *Durer* pag. 256.

65.

Neclam, principe de Bohemia, venceu a Uladislão, principe de Lutzen, e o despojou dos seus estados. During, aio de Uladislão, cortou a cabeça a seu alumno,

e levou-a ao vencedor. Neclam, em vez de o recom-
pensar, mandou-o enforcar.

Dicc. Hist., art. During pag. 257.

66.

Edrick, duque de Mercie, teve a perfidia de matar
a Edmond, rei d'Inglaterra, que era seu cunhado,
para servir a Canuto, rei de Dinamarca, que lhe dis-
putava a coroa. Teve ainda a insolencia de dizer a
a Canuto publicamente, que este o não tinha recom-
pensado pelo serviço, que lhe tinha feito, de o livrar de
Edmond. Canuto lhe respondeu cholerico, — que visto
elle confessar publicamente um crime tão negro, de
que até ali não tinha sido suspeitado, era justo que
elle recebesse a paga. Immediatamente lhe mandou
cortar a cabeça, e lançar o corpo no Tamisa.

Dicc. Hist., art. Edrick pag. 278.

67.

Leonor, duqueza de Guienna, casou com Luiz VII.,
rei de França, e desagradou-se delle, por elle man-
dar cortar o cabello, e rapar a barba, segundo o con-
selho do celebre Pedro Lombardo. Reprehendendo-a o
rei de mãos procedimentos, ella lhe replicou, que
cuidara que tinha casado com um principe, mas que
na verdade se achava com um monge. As desavenças
vieram a mais; alfim annullou-se o matrimonio; e
Leonor tornou a casar com Henrique II., duque de
Normandia, que veio a ser rei de Inglaterra, levando
em dote a Guienna e Poitou. Dahi vieram as guerras,
que desolaram a França por espaço de 300 annos,
em que morreram tres milhões de Francezes, e ou-
tros tantos Inglezes: o que talvez se teria evitado, se
Luiz não tomasse o ridiculo conselho de rapar as bar-

bas, e de cortar o cabello, contra o uso daquelles tempos.

Dicc. Hist., art. *Eléonora* pag. 288.

68.

Isabel, imperatriz da Russia, filha de Pedro I., fez voto de não mandar matar ninguém durante o seu reinado; voto, que ella preencheu religiosamente, e que lhe franqueou o titulo de Clemente.

Dicc. Hist., art. *Elisabeth* pag. 301.

69.

Gabriella d'Estrées, dama muito amada de Henrique IV., quiz persuadir ao rei, que despedisse o seu ministro Sully. O rei respondeu-lhe, — que se elle se visse na necessidade de perder a ella, ou a elle, antes perderia dez amigas como ella, do que um ministro tal como Sully.

Dicc. Hist., art. *Estrées* pag. 358.

70.

Friderico Augusto, rei da Polonia, sendo obrigado a fazer uma viagem no inverno, representaram-lhe o perigo, a que elle se expunha, pois que a sua saude estava muito arruinada. Respondeu: — Bem vejo o perigo, a que me exponho; mas devo mais a meus povos, do que a mim proprio.

Dicc. Hist., art. *Fréderic* pag. 579.

71.

Vinio Rufino, estando á mesa do imperador Claudio, furtou um prato de ouro. Claudio mandou-o convidar

para o dia seguinte, e que lhe posessem pratos de barro.

Dicc. Hist., art. Galba pag. 15.

72.

Um mercador vendeu pedras falsas á imperatriz mulher de Galliano; ella irritada exigiu castigo do enganador. O Imperador mandou que o levassem ao circo, como para ser exposto a um leão bravo. Por ordem secreta do imperador, em vez do leão, lançaram-lhe um carneiro. Todo o povo se riu: e o imperador disse: = Como elle enganou a imperatriz, era hem que tambem fosse enganado. =

Dicc. Hist., art. Gallien pag. 28.

73.

Septimio Severo deu ordem, que fossem mortos os que tinham seguido o partido de Niger e de Albino. Seu filho Geta affligiu-se com isso. O paé disse-lhe: = Olha que são inimigos, de que eu te livro =. Geta perguntou: = Quantos são elles? = Disseram-lhe o numero. Perguntou mais: = E esses infelizes não têm paes e parentes? = « Tem muitos » lhe responderam.

= Ora pois, replicou Geta; haverá mais cidadãos afflictos com a nossa victoria, do que de pessoas, que tenham parte na nossa alegria =.

Dicc. Hist., art. Geta pag. 97.

74.

Os officiaes da corte de Carlos V. queixavam-se de que este refusava dar-lhes audiencia, entretanto que conversava com Quichardin horas inteiras. = Em um instante (diz Carlos) eu posso crear cem grandes; mas em 20 annos eu não poderia fazer um Quichardin =.

Dicc. Hist., art. Quichardin pag. 249.

75.

O grande Gustavo Adolpho dizia, — que para se tomarem as praças, a clemencia não valia menos que a força.

Dicc. Hist., art. *Gustave Adolphe I.*

76.

Depois da victoria de Coutras em 1587, trouxeram a Henrique IV. as joias e magnificas bagatellas de Joyeuse. = Não convem, disse Henrique, se não aos comicos ter vaidade dos ricos vestidos. O verdadeiro ornamento de um general é a coragem, a presença de espirito em uma batalha, e a clemencia depois da victoria =.

Dicc. Hist., art. *Henri IV.* pag. 367.

77.

Exhortavam a Henrique IV. de tractar com rigor algumas praças da Liga, que tinham sido tomadas á força. Respondeu: = A satisfação, que se tira da vingança, não dura senão um momento: mas a que se tira da clemencia, é eterna.

Dicc. Hist., *ib.* pag. 373.

78.

O governador de uma provincia da Persia propoz ao seu rei Hormisdas, que comprasse uma boa porção de diamantes, porque na feira ganharia uma somma consideravel. Respondeu-lhe o rei: = Se eu me fizer mercador, quem ha de fazer o officio de rei? Que haviam de fazer os mercadores do meu imperio, se eu me servisse do meu dinheiro e do meu crédito para lhes tirar os lucros, que elles devem fazer? =

Dicc. Hist., art. *Hormisdas* pag. 451.

79.

Iphicrates, general Atheniense, fazendo fortificar seu campo, onde parecia que não havia a temer, respondeu áquelles, que se admiravam: = É má desculpa de um general o dizer — eu não cuidava.... =

Dicc. Hist., art. *Iphicrate*.

80.

Jacob VI., rei de Inglaterra, dizia aos fidalgos, que fossem para as suas terras. = Em Londres vós sois como navios no mar, que parecem pequenos: nas vossas terras sois como navios no meio de um rio, que parecem grandes =.

Dicc. Hist., art. *Jacques XIII. VI.* pag. 549.

81.

João Ducas, imperador do Oriente, dizia, — que as despesas de um monarcha eram o sangue de seus vassallos; que seus bens eram delles, e que por elles deviam ser empregados.

Dicc. Hist., art. *LI. Jean III. Ducas* pag. 588.

82.

Quando o filho de D. João II. de Portugal morreu da queda de um cavallo, disse o rei seu pae: = O que me consola é, que elle não era proprio para reinar: e Deos, levando-o, mostrou querer favorecer os meus povos.

Dicc. Hist., art. *LXIII. Jean II.* pag. 596.

83.

Luiz XII. de França dizia: = Mais obriga a justiça

a um principe a não dever, do que a sua grandeza a dar muito =.

Dicc. Hist., art. *Louis XII.*

84.

O mesmo rei dizia: = Folgo mais de ver os corte-
zãos rirem-se da minha avareza, do que de ver o
meu povo chorar por causa das minhas despesas =.

Ibid. pag. 321.

85.

Aconselharam-lhe de reter em França o archidu-
que d'Austria, genro do perfido rei Fernando d'Ara-
gão: e elle respondeu:

= Estimo mais perder o reino, se é preciso, por-
que a perda pôde ser reparada, do que perder a hon-
ra, porque a perda della não se repara. As vanta-
gens, que meus inimigos ganham sobre mim, não de-
vem espantar, porque me batem com o desprezo da
boa fé, da honra, e das leis do Evangelho; armas,
de que eu me não sirvo =.

Ibid.

86.

Um fidalgo da casa deste rei maltractou um cam-
ponez. O rei mandou que lhe não dessem senão car-
ne e vinho. E mandando depois chamar o fidalgo,
perguntou-lhe, qual era o alimento mais necessario?
Respondeu elle que era o pão. = Então (replicou o rei)
para que sois tão desarrazoado, que maltracteis aquelles,
que vos mettem o pão na mão? O povo miudo é a
prêsa dos fidalgos e dos soldados; e estes são a prêsa
do diabo =.

Ibid. pag. 322.

Luiz XIV. récommendou a seu successor, que o não imitasse na paixão pelo amor da gloria, da guerra, das mulheres, e dos grandes edificios: e que cuidasse de alliviar os povos.

Dicc. Hist., Louis XIV. pag. 339.

O principe de Condé, acampando em um sitio, onde não havia senão uma casa, o rei Luiz XIV. mandou que a dessem a Condé: o principe não queria acceitá-la, porque devia ser para o rei: este respondeu-lhe: = Eu não sou senão voluntario; por tanto não sofferei que o meu general fique em uma barraca, em quanto ha uma casa, onde elle póde pousar =.

Dicc. Hist., ib. pag. 341.

Luiz Delphim pae de Luiz XVI., quando pozeram os santos oleos do baptismo a seus filhos, mandou que lhe trouxessem o livro dos baptizados, e disse-lhes: = Vede, filhos, os vossos nomes postos em seguida dos do pobre e indigente. A religião e a natureza fazem a todos os homens iguaes; a virtude só é que põe entre elles alguma differença: e póde ser que aquelle, que vos precede, seja maior nos olhos de Deos, do que vós sois aos olhos dos povos =. « Conduzi meus filhos (dizia elle) á choupana do camponez, e mostrai-lhes tudo o que póde enternecer-os; que vejam o pão negro, que come o pobre; e que toquem com suas mãos a palha, que lhe serve de leito. . . Eu quero que elles apprendam a chorar. Um principe, que não verteu jámais lagrimas, não póde ser bom. »

Dicc. Hist., XXIII. Louis pag. 349.

90.

O mesmo principe tendo feito um risco de um palacio com magnificos jardins, aquelles, a quem o mostrou, gabaram muito a sua belleza. = O que elle tem de mais bello (respondeu elle), é que este palacio não ha de custar nada ao povo, porque nunca ha de ser executado =.

Dicc. Hist., ib. pag. 349.

91.

Marco Aurelio repetia muita vez o dito de Platão: = Felizes os povos, cujos reis são philosophos, ou onde os philosophos são reis =.

Dicc. Hist., art. Marc. Aurele.

92.

O mesmo recommendou a seu filho Commodo, quando estava para morrer: = Sabei, meu filho, que não ha riquezas, que possam encher o vulcão insociavel da tyrannia; nem guarda tão numerosa, que possa assegurar a vida do principe, se elle não tem cuidado de adquirir a affeição dos seus subditos. Só têm direito a um longo e feliz gozo do soberano poder os que trabalham, não por aterror com a crueldade, mas por reinar sobre os corações pelo amor, que sua bondade inspira aquelles, que obedecem =.

Ibid. pag. 511.

93.

A imperatriz Maria Thereza, estando proxima á morte, disse a seu filho: = A tranquillidade, de que eu gozo agora, é a primeira graça da Divina misericordia, que me faz esperar outras. Eu não tenho já mais

mais fechado os ouvidos aos gritos dos desgraçados: é a idéa mais consoladora, que eu tenho nos meus ultimos momentos. =

Dicc. Hist., art. *Marie Thérèse* pag. 546.

94.

A mesma não cessava de pedir mercês a seu pae; de sorte que elle lhe disse uma vez: = Eu vejo que vós só quereis ser rainha para fazer bem =. Respondeu: = É o unico modo de reinar, que possa fazer supportavel o pêso de uma corôa. =

Ibid.

95.

O cardeal de Richelieu, depois de ter feito condemnar o marechal de Marillac, por crime de peculato, concussões e exacções, a ter a cabeça cortada, ralhava dos magistrados, que o condemnaram. = É preciso confessar (dizia elle), que Deos dá aos juizes luzes, que os outros homens não têm, pois que vós haveis condemnado Marillac á morte. Eu nunca cuidei que suas acções me-recessem tão rigoroso castigo =.

Dicc. Hist., art. 3.º *Marillac* pag. 563.

96.

Alguns cortezãos cuidaram fazer corte a Luiz XIV., censurando a liberdade, com que prégava Mascaron. O rei respondeu-lhes: = Elle faz o seu dever; façamos nós o nosso =.

Dicc. Hist., art. *Mascaron* pag. 2.

97.

Maximiliano II., imperador d'Allemanha, não cogitou de reduzir os protestantes pelas armas. Dizia, — que o

tingir os altares com o sangue dos hereges, não podia fazer honra ao pae commum de todos os homens.

Dicc. Hist., art. *Maximilien II.* pag. 41.

98.

O duque de Montausier, aio de Luiz delphim de França, conduziu-o um dia a uma casita de um pobre, e disse-lhe: = Vede, Senhor; debaixo desta pobre cobana vivem o pae, mãe e filhos, que trabalham sem cessar por pagar o ouro, de que vossos palacios estão ornados; e morrem de fome por contribuirem ás despesas da vossa mesa =.

Dicc. Hist., art. *Montausier* pag. 193.

99.

Um orador quiz fazer um panegyrico a Pescenio Niger por occasião da sua subida ao throno imperial. Este disse-lhe: = Fazei antes o elogio de algum general famoso, que já tenha morrido; e mostrae a nossos olhos as suas bellas acções, para nos servirem de modelo. É objecto de zombaria o incensar os vivos, principalmente os principes, dos quaes ha sempre alguma cousa a temer ou a esperar. Eu por mim quero fazer bem durante a minha vida, e que só me louvem depois de morto =.

Dicc. Hist., art. *Niger (C. Pescenius)* pag. 370.

100.

As maximas favoritas de Periandro, tyranno de Corinto, eram: — que se não devia fazer esrupulo de saltar á palavra, quando o promettido é contrario aos nossos interesses; — que não só se deve punir o crime, mas tambem prevenir as intenções daquelles, que podem commettel-o. — Estas maximas perniciosas foram adoptadas por Machiavel.

Dicc. Hist., art. *Periandre* pag. 623.

101.

O conde de Flandres, tendo maltractado seus vassallos, estes sublevaram-se. Philippe de Valois, rei de França, foi em soccorro do conde, e venceram os rebeldes em Cassel em 4 d'Agosto de 1328. Depois de pacificados, o rei disse ao conde: = Sede mais prudente e mais humano; e tereis menos rebeldes. =

Dicc. Hist., art. Philippo de Valois pag. 25.

102.

Phocion, general Atheniense, rejeitou os presentes, que lhe fez Alexandre, e tambem os de Antipatro, successor de Alexandre. Este instou-o, que acceitasse, se não para si, para seus filhos. Respondeu Phocion: = Meus filhos, se quizerem assimilhar-se a mim, basta-lhes o mesmo, que eu tenho. E se quizerem ser dissolutos, não quero deixar-lhes com que elles entrettenham o objecto dos seus deboches. =

Dicc. Hist., Phocion pag. 51.

103.

Pittaco, soberano de Mitylene, seguia a maxima de não dizer o que tinha designio de fazer, — a fim (dizia elle) de se não rirem no caso de não poder conseguir o que queria: — quem não sabe calar (accrecentava), não sabe falar.

Dicc. Hist., art. Pittacus pag. 114.

104.

Pyrrho, rei do Epiro, disse a Cyneas o projecto, que formâra, de fazer grandes conquistas. O philosopho instou-o: = Depois de todas essas conquistas acabadas, que havemos nós fazer? = Respondeu Pyrrho: = Folgaremos,

e divertir-nos-hemos á nossa vontade =. Então , Senhor , replicou Cyneas , quem nos embaraça de começarmos hoje a divertir-nos , e deixarmo-nos de todas essas conquistas ? =

Dicc. Hist. , art. 2.º *Pyrrhus* pag. 290.

105.

Res ardua vetustis novitatem dare , novis auctoritatem , obsoletis nitorem , obscuris lucem , fastiditis gratiam , dubiis fidem.

PLINIO MAJOR , no prologo , ou dedicatoria da sua *Historia Natural*.

106.

A rainha Isabel , no 43.º anno do seu reinado , concedeu a alguns mercadores particulares certos privilegios , que eram contrarios ao commercio geral da nação. O parlamento ficou muito descontente : e a rainha , assim que o soube , revogou-os logo. A camara dos communs lhe enviou uma deputação a agradecer-lh'o : e a rainha lhe deu esta resposta :

« A singular affeição , de que vós vindes dar-me
« provas tão manifestas , merece da minha parte agra-
« decimentos e elogios sinceros. Vós me tirastes de um
« erro , procedido da minha ignorancia , e não da minha
« vontade. Eu teria visto estes novos regulamentos causa-
« rem a minha deshonra , eu , a quem nada ha tão caro ,
« como o bem e o amor de meu povo ; se vós me não
« houvesseis desenganado , e feito conhecer as harpias e
« as sanguesugas , que me haviam enganado. Que meu
« coração , ou minha mão pereça , antes que meu cora-
« ção ou minha mão concedam a monopolistas privile-
« gios prejudiciaes ao meu povo. O esplendor da majes-
« tade real não tem de tal sorte cegado meus olhos ,
« que eu prefira á justiça o poder licencioso. A gloria

« do nome de rei pôde abusar principes, que não sa-
« bem governar, como pilulas douradas enganam os
« pobres doentes: eu não quero parecer-me a esses
« principes; porque sei, que devo governar o estado
« para bem daquelles, que me estão confiados, e não
« para minha vantagem particular. Sei, que um dia
« devo dar conta disso diante de outro tribunal. Eu me
« tenho por feliz de ter, com ajuda de Deos, gover-
« nado o estado com tanta fortuna, e de ter vassallos
« taes, que pelo seu bem eu deixaria de boa mente o
« throno e a vida. Quaesquer que sejam as malversações,
« de que os outros se fazem culpaveis por suas falsas sug-
« gestões, eu vos peço de m'as não imputardes. Que ó
« testemunho de uma consciencia pura me tenha logar
« de desculpa. Vós não ignoraes que aquelles, de que
« os principes são obrigados a servir-se, são muitas vezes
« muito apegados ao seu interesse particular; que se en-
« cobre muitas vezes a verdade nos principes; e que é
« impossivel que muitas cousas lhe não escapem, carre-
« gados, como elles são, do fardo dos mais graves e mais
« importantes negocios. »

HUME, *Discours* tom. 2.º pagg. 280 e 281.

107.

O duque de Lencastro offerecendo a el rei D. João I. sua filha, com a qual aspirava a ter direito á corôa de Castella, não accitou; dizendo-lhe, — que a guerra não era cousa, que se recebesse em dote, mas sim a paz.

Fala do duque de Bragança D. Fernando, apud Faria Europ. tom. 2.º pag. 395.

108.

Quaerenti mihi, quanam re possent prodesse quamplurimis, nulla major visa est, quam si traderem civibus meis vias optimarum artium.

Cic., 2. de Div., *Select. hist.* pag. 157.

1.

Os cortezões são comparados á hera: chegam-se ao pé dos reis, como a hera ao pé das arvores, para subirem ao alto.

2.

A fortuna é comparada a uma senhora de familia illustre, que se prostitue com os criados.

3.

O peccado não é como uma divida, que um pôde pagar por conta d'outro; é como uma molestia, que só se pôde curar na pessoa doente.

4.

A cortezia é como o vestido do espirito. Deve servir, como os vestidos de uso: escondem os defeitos do corpo, ainda que custem pouco dinheiro.

5.

Não guardes para o tempo da morte fazer obras de caridade. Os que assim fazem, são liberaes com os bens alheios, e não com os seus.

6.

As suspeitas são entre os nossos pensamentos, como os morcegos entre as aves; porque não voam, senão pelo escuro.

7.

As virtudes são como os perfumes, que são mais cheirosos, quando os queimam, ou agitam.

8.

A belleza da mulher converte-se em deformidade, se nella ha affectação.

9.

A maior parte das mulheres não olha senão para o vestuario, sem pensar nas qualidades do espirito. Uma senhora tal corre risco de cair em poder de um peralvilho, encantada de uma casaca bem feita, ou da franja de umas luvas.

10.

Um espelho é infiel, se mostra a cara triste de quem o olha alegre. Uma mulher não é menos desagradavel, se mostra máo humor, quando seu marido quer rir.

11.

Enfeita menos as mulheres o ouro, as pedras e a purpura; do que a sua castidade, a sua modestia e o seu pundonor.

CONSELHOS DE FRANKLIN,

EXTRAHIDOS DAS SUAS OBRAS.

1.

A ociosidade assemelha-se á ferrugem; desgasta mais, do que o trabalho. Uma chave, de que nos servimos quotidianamente, anda sempre luzidia.

2.

Se estimaes a vida, não desperdiceis o tempo; elle é o estofo, de que se compõe a vida.

3.

A preguiça tudo faz difficil; o trabalho tudo faz facil. — Aquelle, que se levanta tarde, todo o dia anda; e apenas começa os seus afazeres, quando é noite. — A preguiça anda de vagar, a pobreza logo a alcança.

4.

Incitae os vossos afazeres, não sejam elles os que vos incitem.

5.

Deitar cedo, erguer cedo, procura a saude, a fortuna e o saber.

6.

Um officio val uma quinta; uma profissão é um emprego, que dá honra e proveito.

7.

A fome bate á porta d'um homem laborioso; mas não póde lá entrar dentro.

8.

O trabalho paga as dividas, a desesperação augmenta-as.

9.

A actividade é a mãe da prosperidade, e Deos nada refusa ao trabalho. Trabalhae, em quanto o preguiçoso dorme; tereis pão para vender, e para guardar.

10.

A agua, que cõe gotta a gotta, acaba por furar a pedra. Com trabalho e paciencia um rato rõe uma corda; e pequenos golpes repetidos cortam grossos carvalhos.

11.

Os prazeres correm atrás daquelles, que fogem delles.

12.

Á fiadeira vigilante nunca falta camisa.

13.

Nunca vi uma arvore, que se mude de seu lugar, nem familia, que mude muitas vezes de casa, prosperar tanto, como outras, que são estaveis. Tres mudas de casas fazem tanto damno, como um incendio. Guardae a vossa loja, a vossa loja vos guardará.

14.

Se quereis fazer o vosso negocio, ide vós mesmos. Se quereis que se não faça, mandae.

15.

O olho do dono faz mais obra, do que as vossas mãos.

16.

A falta de cuidado faz mais damno, do que a falta de saber.

17.

Não vigiar os trabalhadores, é pôr a bolsa á disposição delles.

18.

O saber é para o homem estudioso; as riquezas para o homem vigilante; bem como o poder é para o valor, e o Céu para a virtude.

19.

Se quereis um servo fiel, que vós ameis, servi-vos a vós mesmo.

20.

Por falta de um cravo perde um cavallo uma ferradura; por falta della se perde o cavallo; e por falta do cavallo se perde o cavalleiro, porque o inimigo o alcança e o mata.

21.

As mulheres, o vinho, o jogo e a má fé diminuem a fortuna, e augmentam as precisões. Custa mais a manter um vicio, do que dois filhos.

22.

Um pouco, repetido muitas vezes, faz muito.

23.

Se compras o que te é superfluo, não tardarás a vender o que te é necessario. Reflecte sempre, antes de te aproveitares do bom mercado. Tenho visto muita gente arruinada, por ter feito bons mercados. É tollice despende o dinheiro, para comprar um arrependimento.

24.

Por uma pessoa realmente pobre, ha cem indigentes.

25.

Os meninos e os tolos imaginam que vinte annos e vinte francos nunca terão fim.

26.

Quando o poço está sêcco, é que se conhece o valor da agua.

27.

Aquelle, que vai fazer um emprestimo, vai procurar uma mortificação.

28.

O orgulho é um mendigo, que clama tão alto, como a necessidade; e ainda é mais insaciavel.

29.

É mais facil reprimir a primeira phantasia, do que satisfazer todas as que vem atrás della.

30.

Os grandes navios podem aventurar-se no largo. Mas os pequenos bateis devem ficar perto da borda.

31.

O orgulho almoça com abundancia, janta pobremente, e ceia com vergonha.

32.

O segundo vicio é mentir: o primeiro endividar-se. A mentira monta nas ancas da divida.

33.

É difficil que um sacco vazio se tenha direito.

34.

Os crédores têm melhor memoria, que os devedores.

35.

A quaresma é curta para quem deve pagar na Paschoa.

36.

O sol da manhã não dura todo o dia.

37.

É mais facil edificar duas chaminés, do que ter só uma quente: assim é melhor ir-vos deitar sem ceia, do que levantar-vos com dividas.

38.

Ganhae o que poderdes, e arrecadae o vosso ganho. Eis aqui o verdadeiro segredo de converter o chumbo em ouro.

39.

A experiencia tem uma escola, onde as lições custam caro; mas é a unica, onde os insensatos podem instruir-se.

Modestia é a virtude de moderar o appetite das honras :

Magnanimidade , quando aquellas honras são grandes.

WOLFFIO , tom. 3.º §. 563 e 564 , pag. 180.

Arrogancia é o vicio , com que alguem affecta honras , das quaes não é digno. *Ib.* §. 566 , pag. 181.

Pusillanimidade , o vicio de desprezar todo o cuidado de honra e fama. *Ib.* §. 568.

Ambição é uma cubiça insaciavel de honras. §. 570.

Humildade é a virtude , que modera o appetite da reputação de si mesmo. §. 581.

Fausto é o vicio de qualquer se attribuir mais perfeição , do que na verdade lhe convem. §. 583 , pag. 186.

Animo abjecto é o vicio de qualquer se estimar em menos , do que é justo , não tendo nas acções consideração alguma da perfeição propria. §. 585.

Paciencia é a virtude , que modera o appetite e aborrecimento á cerca da fortuna adversa. §. 592 , pag. 189.

Impaciencia , o vicio de nos entristecermos muito com as adversidades ou molestias. §. 594 , pag. 190.

Fortaleza é a virtude , que modera o medo , para effeito de não deixarmos de fazer o que devemos , ou de fazermos o que não deviamos. §. 600 , pag. 192.

Timidez é o vicio , por que com medo do mais leve perigo nos deixamos mover a fazer o que não devemos , ou a deixar de fazer o que devemos. §. 602 , pag. 193.

Audacia , o vicio de nos mettermos em perigos sem alguma urgente obrigação. §. 604 , pag. 193.

Amor proprio é a vontade de promovermos a nossa felicidade , pondo todo o estudo em obrarmos , para sermos felizes , e de nos acautelarmos do que pôde fazer-nos infelizes. §. 606 , pag. 194.

Prudencia é o habito de tomarmos em consideração

as circumstancias alheias presentes, em qualquer acto que obrarmos. §. 256, pag. 81.

V. gr. O que conta o mal, que outrem fez, não o fará prudentemente, se o contar na presença de um parente ou amigo daquelle.

Quem dissimula uma injuria, que lhe fazem, para não incurrer em maior damno, é prudente.

Soberba é o vicio de nos exaltarmos sobre os outros, querendo ser maiores que elles. §. 888, pag. 287.

Cortezia é a virtude de darmos aos outros as honras, que lhes são devidas, e os louvores, que elles merecem. §. 890, pag. 288.

Adulação é o vicio de darmos a outros honras e louvores, que sabemos que elles não merecem. §. 892, pag. 288.

Humanidade é a virtude de sermos faceis e inclinados a darmos aos outros os officios *erga alios*. §. 894, pag. 289.

Exemplos bons são os com que ensinamos ou incitamos os outros a obrar virtudes intellectuaes ou moraes. Máo exemplo, ou escandalo, é o ensinar o vicio, ou incitar a obrar-o. §. 929, pag. 300.

Honestidade é a virtude de obrarmos ou deixarmos de obrar o que devemos fazer ou deixar de fazer segundo a lei natural, ainda que os outros não tenham um direito perfeito de nol-o exigir. §. 968 e 969, pag. 311.

FORTUNA *Jus Nat. L. 1.º* §. 173 diz — que a honestidade respeita aos officios *erga nos* relativos ao estado interno; — e os que respeitam ao estado externo, constituem o decoro, ou decencia.

Os antigos philosophos chamavam honesto o que nós chamamos bom, justo, louvavel, e util á sociedade. *Mor. Univ. tom. 1.º cap. 10.*

INSTRUÇÃO POPULAR.

Fortuna. Quando a fortuna nos abate, parece-nos que ella é cega; quando nos eleva, parece-nos que vê bem.

Juizo. Acontece nos homens o mesmo, que nos quadros. Vistos de muito perto, julga-se mal; de muito longe, é o mesmo. Nós estamos muito perto de nós mesmos, e muito longe dos outros, para podermos julgar bem.

Mudança. O homem, muda como as côres do camaleão. Examine-se ao seu nascimento, na infancia, na mocidade, na idade viril, e na velhice; pela manhã, de tarde; de dia e á noite; antes e depois de comer; ver-se-ha que a vida humana não é senão uma verdadeira representação da lanterna magica.

Infelicidade. As lições da infelicidade ensinam mais, que as de Socrates e de Platão.

Investigações. É bom ás vezes procurar o que se não pôde achar. Quantas cousas ha, que se têm descoberto em busca de achar a pedra philosophal?

Alma. Quando eu considero idealmente a alma immortal associada ao corpo, a quem tudo altera e destroe, julgo perceber a panella de barro e a panella de ferro a vogarem juntas em um mar tempestuoso.

Nobreza. Não ha em qualquer sangue, senão fibrina e serum. Dahi concluo, que não ha sangue nobre, mas pensamentos e corações nobres.

Alma. A alma deixa o corpo, quando o corpo meio destruido não pôde mais servir-lhe de refugio; assim como se deixa uma casa velha, quando ella cõe em ruina.

Ouro.

Ouro. O ouro é o mais inalteravel dos metaes; e elle mesmo altera tudo.

Homem. O homem apprende a tudo conhecer, excepto a conhecer-se a si mesmo. Sabe o que se passa no sol, que está a muitos milhões de leguas distante, e ignora o que se passa no seu estomago, que está dentro delle.

Bicho da seda. Quem diria que o bicho da seda é o fundador das sciencias e das artes, e da prosperidade publica? O bicho produz a seda, a seda as fitas, e as fitas fazem marchar os povos. Fazei morrer este bicho, e a terra vai povoar-se de preguiçosos, e de ignorantes.

Monarchas. Que é preciso para anniquilar o maior monarcha do mundo? Uma gotta de acido Prussico sobre a lingua, uma picadura d'alfinete no coração, um grão de areia na tracheia arteria!

Belleza. Pòde-se dizer de muitas pessoas de bella figura: É pena para seu espirito, que ellas sejam tão bellas!

Ha muitas pessoas, especialmente mulheres, que teriam muito menos espirito e virtudes, se tivessem sido vaccinadas.

De si. Ha mais a ganhar, dizendo mal de si, do que dizendo bem.

Espirito. Aquelle, que pòde dizer, sem offender o amor proprio de alguém, que elle tem espirito, tem espirito, ou é um tolo.

Ouro. Dizei-me quanto vós possuís em peças de ouro. Eu direi quantos amigos tendes; e quantos crimes podeis commetter impunemente.

París. Pòde-se julgar de um homem em París pelo numero de escadas, que elle tem a subir para chegar ao seu quarto: quanto mais elevado elle é, mais abatido é o dono.

Amor. Não está em nosso poder o amar sempre; o appetite do coração tem seus limites, como o appetite do estomago tem os seus. Nós não temos mais a dizer aos movimentos de nosso coração, que aos do nosso estomago.

Bom senso. Nós não nos admirámos que um manqueje da perna coxa, e não soffremos que um espirito mal formado raciocine mal; como se nós fossemos mais responsaveis da má conformação de nossas cabeças, do que da das nossas pernas.

Pensamento. Cousa estranha! Vós não exigis de mim, que eu veja claro com os olhos doentes, e quereis que eu pense bem com uma má cabeça?!

Tolo. Punir um tolo pelas suas tolices, é punir um cego por ir de encontro com qualquer corpo.

Ouro. Em uma planta contam-se os estames, para saber a que classe ella pertence: no homem contam-se as peças d'ouro.

Mendigos. Corre-se risco de não obter um emprego, ainda que se vá em uma sege a dous cavallos; que pôde então esperar um pobre com o seu alforge? Um rico mendiga de sege; e mais facilmente obterá um milhão, do que o outro um pedaço de pão negro!

Perigo. Prevenir o perigo, é prudencia. Fazer face ao perigo, quando se pôde evitar, é valor. Fugir do perigo, quando se pôde subtrahir, é fraqueza. Procurar o perigo, pelo perigo só, é tolice; é o ridiculo da coragem.

Decencia. É precisa decencia; não demasiada, que então é momice.

Desdem. O desdem tem por satellites ordinarios a mediocridade, a vaidade e a ignorancia.

Defeito. O defeito mais sensivel, o que se não perdoa, é o da falta de dinheiro. Para este não ha piedade; a commiseração foge do seu aspecto; o infeliz, que está contaminado disso, é como subtrahido ao resto dos homens; fórma uma tribu á parte, que é a tribu desprezada, e rejeitada do seio da sociedade.

Desconfiança. Incômoda para aquelle, que a experimenta, ultrajante para aquelle, que é o objecto della, a desconfiança prejudica a ambos.

Delação. Filha do despotismo e infame prostituta, a delação tributa seus infames favores áquelles, que vão á fortuna pela estrada do crime.

Demonio. Cada um neste mundo tem seu máo demonio. O rei tem seus ministros: o marido, sua mulher: o devedor, os seus crédores: o rico, a gotta: o pobre, a miseria: e eu. . . . eu tenho o cobrador das contribuições.

Desesperação. O homem fraco, que se entrega á desesperação, não merece uma sorte prospera. A fortuna é mulher; e as mulheres amam a coragem.

Desinteresse. Desinteresse é uma palavra em desuso, de que se esqueceu a verdadeira significação.

Desordem. A desordem é o caminho mais curto de ir ao hospital.

Despota. O despota não se apoia, senão sobre a ignorancia e terror do povo. Esclarecei-o, elle não temerá; e despota não será, senão uma palavra.

Divida. Os soberanos fazem as dividas, e os povos pagam-nas. Como estes thios da comedia, que chegam a tempo de saldar os calotes de seu sobrinho, os povos pagam com igual complacencia as patuscadas reaes.

Desgraça. Todo o homem, que entra no favor de um soberano, deveria ter em vista menos as honras e dignidades precarias, que o esperam, do que uma desgraça certa, que lhe está reservada. Que elle faça bem, será desgraçado; que faça mal, tambem será desgraçado. Assim que elle obre de maneira a poder reconhecer, que a desgraça d'um homem virtuoso augmenta a consideração no espirito publico.

Dissimulação. É o primeiro passo para a hypocrisia.

Dissipação. É filha da avareza.

Distrahido. É aquelle, que tem muito, ou nada, a fazer.

Divorcio. O divorcio mais commum, e por isso o menos escandaloso, é aquelle, que se faz com o bom senso.

Docilidade. A docilidade sustentada dos mancebos é quasi a prova certa da sua incapacidade.

Dor. As dores mais fortes e pungentes, a que todos os remedios da therapeutica não podem dar allivio, e que o tempo só pôde curar inteiramente, ou palliar, são as dores da alma.

SESSENTA ANNOS DE EXPERIENCIA.

1.

Meu filho, um bom officio é um thesouro. Poder-te-has dizer rico, em quanto tu não tiveres dividas inscriptas nos livros dos outros, e tiveres um pataco na bolsa.

2.

Deos tem abençoado o meu trabalho. Comecei sem vintem, e agora tenho bens e crédito.

3.

A maior parte dos obreiros, quando o trabalho diario os faz viver, têm desejos de se aperfeiçoarem no seu officio. Para isto é preciso viajar.

4.

Mas para viajar com fructo, não se deve passar cousa alguma, sem a ver bem; é preciso sempre perguntar: = Como se faz isto? De que serve aquillo? —

5.

Se não viajares como te digo, o mesmo valerá ficares em casa. Verás por lá arvores verdes, casas brancas, e homens com duas pernas; tudo isto tambem por cá ha.

6.

Tenho visto obreiros, que tinham vivido muito tempo

em grandes cidades, e que não conheciam de Paris se-
nãõ os bulevardes e o Palacio Real; e de Strasburgo,
a torre grande.

7.

Assim como pelas feições da cara se pôde muitas
vezes julgar, se são de boas ou más qualidades; tambem
ha cidades e villas, de que pelo aspecto exterior se pôde
julgar do resto.

8.

Quando n'uma aldeia vires muitas tabernas, está certo
que ahi acharás pouca economia, e muitos preguiçosos.

9.

Se tu não encontrares os paizanos nos campos ao sol
fóra, certo os has de encontrar na taberna depois do sol
posto.

10.

Quando ouvires muita vez tocar os sinos para annun-
ciar festas, mette muitos miudos no bolso, que te hão de
ser precisos para dares aos mendigos, que has de encon-
trar.

11.

Uma cidade, onde de dia se encontram bonitas car-
ruagens, e as ruas não são allumiadas de noite, é com-
parada a uma moça vestida de seda, que traz por baixo
a camisa rota.

12.

Onde não ha leis, só terás por protectores os teus

pulsos. Onde encontrares regulamentos e posturas, toma cautela, a cada passo acharás fiscaes e malsins.

13.

Uma cidade, onde a herva cresce pelas ruas, e os caminhos são mal calçados, não promette nada a quem procura obra que fazer. Passa adiante, e não te demores.

14.

Onde tu vires muitas raparigas descoradas e magras, é por que ha mais salas de dança, do que de trabalho.

15.

Quando tu vires que algum dá banquetes pela semana, guarda-te da banca-rôta.

16.

Não julgues da religião da gente d'uma cidade pelo numero das igrejas, nem dos teres de uma aldeia pela riqueza da sua igreja. Não julgues tambem das posses de um homem pelo seu bom vestido, e meias de seda; nem do bom vinho, pela bonita taboleta. Todas estas cousas são muitas vezes feitas para enganar os crendeiros. A verdadeira piedade é modesta; o mais rico é muitas vezes o mais singelo; e o bom vinho tem boa freguezia sem taboleta.

17.

Se queres habitar n'um paiz feliz, procura aquelle, de que as gazetas falâm menos.

18.

Onde os paizanos são grosseiros, e não saúdam ninguém, os bois fazem melhor o seu dever na mangedoura, do que o mestre na escola.

19.

Onde os paizanos saúdam os senhores até o chão, ou lhes beijam a mão, não te dilates; ha no paiz algum tyrauno de aldeia; se lhe caíres nas garras, os seus escravos te lograrão.

20.

Para saberes, se uma villa é grande ou pequena; não tens precisão de a correr á roda. Observa na rua: se vires que muita gente se cumprimenta, tantas mais tiradas de chapeo vires, mais pequena é a villa.

21.

Se chegares a um paiz, onde as estradas são bellas, e bem plantadas de arvores fructiferas; onde se não vêem campos em pousio, nem terras baldias, de que ninguém se aproveita, porque pertencendo a todos, nenhum é seu dono; onde os estrangeiros são recebidos cordialmente; onde os mendigos não estão a cada canto; onde as escolas e os hospitaes são os melhores edificios; queda ali meu filho; estás em um paiz de gente briosa, que tem cabeça e coração bem formado.

22.

Se pelo contrario vires pobres barracas em torno de um bom palacio, passa de pressa; por ali chora-se muito.

23.

Desconfiarás dos logares, onde nada se conclue sem um jantar de fausto, nem se passa uma noite de inverno sem um jogo de cartas: o estomago não deve dirigir a cabeça.

24.

Para ir bem a um paiz, as auctoridades não se hão de occupar com pequenas cousas; se não, é sem duvida que as grandes são esquecidas.

25.

Onde te fizerem esperar na ante-camara; aonde te perguntarem o teu nome, antes de ir ver se o dono está em casa; está certo que elle tem crédores, e que se teme a sua visita. Quando tu podes ir falar ao amo, sem passares pelos criados, tracta de trabalhar para elle; seguro estás de ser pago.

26.

Onde ha muitos estaminés em cada rua (casas de fumar), ahí bebe-se muito, e trabalha-se pouco. Se os criados e os artifices fumam até meia noite, elles serão pouco instruidos, e as artes mal cultivadas, e terão ciumes dos estrangeiros, que mostrarem algum talento.

27.

Onde as escholas são sempre muito grandes, e onde os professores são mal retribuidos, reina a ignorancia.

28.

Onde houver muitos advogados e medicos, toma cautela em não estar doente, nem ter demandas.

29.

Eis aqui bastante, e ainda te não digo tudo. Mas o que disse é bastante para saberes, pouco mais ou menos, ao que deves ter attenção.

30.

Segue os meus conselhos: pergunta^t muito; responde claramente e em poucas palavras; faze-te mais ignorante do que és; e em toda a parte terão gosto de te instruírem.

31.

Louva tudo o que achares louvavel, e não reprehendas o que achares reprehensivel: este é o meio de ganhar os corações.

PENSAMENTOS MORAES.

Alma. A virtude é a alma das republicas; a honra é a alma das monarchias.

Abuso. Ha, diz um auctor Italiano, doze abusos principaes no mundo: — 1.º um sabio sem obras; — 2.º um velho sem religião; — 3.º um mancebo sem docilidade; — 4.º um rico sem caridade; — 5.º uma senhora sem pudor; — 6.º um religioso sem christianismo; — 7.º um pobre sem humildade; — 8.º um bispo sem cuidados; — 9.º um clero sem disciplina; — 10.º um povo sem policia; — 11.º um fidalgo de máo coração; — 12.º um rei sem bondade.

Felicidade. A verdadeira felicidade é como a appareção dos espiritos; todo o mundo fala disso, e poucos os têm visto.

Bemfazer. Um beneficio, que se faz muito esperar, está estruido, quando chega a vir.

Coração. Quereis conhecer o coração de um homem? Observae o acolhimento, que lhe fazem os seus iguaes.

Conselho. Estimae que vos aconselhem, e não que vos louvem.

Desejo. Aquelle, que deseja muito, passa a sua vida a esperar; e aquelle, que não deseja mais, espera a morte.

Dever. A probidade e a honra nos ligam aos nossos deveres.

Egoismo. Todos nós attribuimos as infelicidades publicas ao egoismo, e nenhum de nós o abjura.

Espirito. O espirito mais forte é aquelle, que conhece melhor a sua fraqueza.

Ativez. Custa menos a um homem ativo perder a

vida, do que beijar a mão d'um tyrauno, que lhe faz uma graça.

Fortuna. Os homens têm feito a fortuna uma Deosa muito poderosa, a fim de poderem attribuir-lhe as suas tolices.

Grandes. Os grandes não têm a cabeça mais elevada, do que nós; e os seus pés se apoiam sobre a mesma terra.

Guerras. As guerras durarão, em quanto os homens forem tão tolos, que admirem aquelles, que os matam.

Humanidade. A humanidade afflige-se de ver uma grande nação descer vagarosamente aos principios, de que uma violenta revolução os tinha tirado um momento.

Acaso. Muitas vezes se attribue ao merecimento um effeito do acaso.

Luxo. Toda a especie de luxo é um crime para com a sociedade, em quanto que nella existe um homem em necessidade.

Lei. Em vez de submeter uma nação á experiencia de uma lei nova, não valeria mais metter em hypothese todos os casos da sua applicação?

Infelicidade. Muitas vezes os que mais amargamente se queixam d'uma infelicidade, têm sido a causa della.

Moral. A moral é uma planta, cuja raiz está no céu, e cujas flores e fructos embellezam a terra.

Numero. As nossas dividas e os nossos inimigos são sempre em maior numero, do que nós cuidamos.

Nascimento. Que importa o nascimento? O bom é legitimo, e o máo é bastardo.

Orgulho. Se nós não tivéssemos tanto orgulho, não nos queixariamos do dos outros.

Laço. O laço mais destro é o que se arma ao hypocrita, obrigando-o a fazer uma acção boa.

Riquezas. As riquezas são uma vantagem, que nos é commum com muitos homens muito miseraveis.

Ridículo. O ridiculo é a arma favorita do vicio.

Sabedoria. Aquelle, que procura a sabedoria, pôde só ser reputado sabio. Aquelle, que cuida tel-a achado, é um tolo.

Sciencia. A sciencia não serve, que para nos dar uma idéa da extensão da nossa ignorancia.

Trabalho. Em todos os nossos trabalhos temos presente ao espirito um critico, e não um approvador.

Titulo. O mais bello titulo do homem é o de ser homem.

Tom. Não soffraes que os homens gritadores dem o tom; têm o ouvido duro e falso.

Vingança. A vingança é a vontade de uma alma pequena e vil.

Vaidade. Tirar vaidade de alguma cousa, é provar que ainda se não está acostumado.

SENTENÇAS E REFLEXÕES MORAES.

Acção. As grandes acções são os quadros, que ornam o templo da immortalidade.

Affectação. A affectação não é natural, e é oneroso áquelle, que a practica, e áquelle, que a nota.

Affeição. O interesse é para as nossas affeições o mesmo, que o ammoniaco com os metaes; dissolve-os pouco a pouco.

Ambição. A ambição é o Judeu errante da alma; não quêda jámais.

Alma. Quasi que se póde crer que a alma de cada homem é amassada de materia differente. Decomponde a alma de Leonidas, achal-a-heis de aço; a de Bruto, de bronze; a de Marco Aurelio, de ouro; a alma de Carlos IX., de sangue; a alma de Luiz XV., de lama.

Amigo. O amigo de todos, é amigo de ninguém.

Amor filial. O amor filial é dar uma pequena parte do dinheiro, que nos tem emprestado.

Amor maternal. O amor maternal é uma paixão, que não conhece limites, mas que honra a natureza.

Dinheiro. Os que desprezam o dinheiro, não se assemelham mal á raposa da fabula.

Atheismo. O atheismo tira a origem da falsa philosophia, corre um vasto campo de erros, e vai precipitar-se no crime.

Atenção. A atenção é um ramo da arvore da civilidade.

Esmola. A esmola é a paga da divida, que o homem contracta tacitamente com a fortuna.

Avareza. Nada póde curar o avarento da sua paixão,

nem mesmo o pensamento dos felizes, que elle faz por sua morte.

Futuro. O grande livro do futuro está aberto a todos os olhos, e ninguem o pôde ler.

Axioma. É mais facil dar axiomas sobre a virtude, do que practical-a.

Jornal Belga, 2.º anno, pag. 136.

PENITENCIA UTIL.

O reitor de Montagano, no condado de Molisse, no reino de Napoles, dava por penitencia aos paizanos, que confessava, o plantarem alguns pés de oliveiras, de videiras, e de outras arvores. Deste modo o terreno, que antes era arido e destituído de vegetação, depois d'uma certa época veio a ser productivo, e semelhante a um pomar.

Jornal Belga, ubi supra.

CONSELHOS ECONOMICOS.

1.

O bom cavallo carece de um bom palafreheiro , assim como toda a fazenda de um bom cultivador.

2.

Escolherás um caseiro com tanto cuidado ; como se escolhesses um socio para o teu negocio.

3.

Aquelle , que arruina o seu caseiro , arruina a sua terra.

4.

Aquelle , que é negligente com os seus bens , perde ; pelo menos , um terço da sua renda. E se os vende , perde metade do seu capital.

5.

Se amas teus filhos , cuida dos teus prelios.

6.

Não te digo que os grangeies ; mas que vigies se são bem grangeados.

7.

Quando os arrendares, põe-lhe a condição, que o terço da terra lavradia será posta a prado.

8.

Tomar um rendeiro geral, que ha de sublocar os bens, é pôr duas albardas e duas corgas no teu burro, e um enxame de moscardos na traseira.

9.

Uma boa governadeira de casa é um thesouro.

10.

Tudo prospéra na mão de uma mulher activa e cuidadosa.

11.

Não vás ás feiras e mercados, senão aos teus negocios. Sem tu lá ires, não faltarão lá preguiçosos, bebados e gulosos.

12.

Quando estás fóra de tua casa, não fazes nada; gastarás o teu dinheiro, e o serviço em casa vai mal. É peor que accender a torcida pelas pontas ambas.

13.

O economizar é ganho certo. Ninguem está seguro de ganhar, mas todos têm aquillo, que poupam.

14.

Não deixes perder cousa alguma, que seja útil ao homem, ao gado, ou á terra.

15.

Uma paveia de palha dá duas de esterco, que produzirão um punhado de grãos.

16.

Arruma cada cousa em seu logar. Tem cuidado das tuas ferramentas; o sol e a chuva estragam tudo, e depois é preciso madeira, ferro, trabalho e dinheiro.

17.

Habitua teus filhos a tudo fechar, e tudo aproveitar.

18.

Cuida das tuas colheitas. Perde-se muita vez mais em um dia por descuido, do que se ganha em uma semana pelo trabalho.

19.

Faz escrever por teus filhos o producto das tuas colheitas, as tuas compras e vendas, e as despesas.

20.

Lavra bem, esterça bem, não estafes a tua terra, e serás um bom agricultor.



28.

Os prados mantêm o gado; sem gado não ha esterco; sem esterco não ha grãos.

29.

Os prados, as forragens, os gados e o esterco produzem os grãos. Se uma destas cousas falta, fraca é a colheita.

30.

Aquelle, que tem metade das suas terras lavradas em prados excellentes, é um bom agricultor. Se tem um terço, ainda é bom; um quarto só não é bastante.

31.

Se eu tiver tantos prados, aonde porei tanto feno? Aonde? nos tres quartos da Europa.

32.

Aquelle, que não tem feno fóra (de casa), não tem feno bastante.

33.

Semeia cada anno prados, cada anno os romperás. A colheita d'uma rompida, val por tres.

34.

Engessa os teus prados artificiaes. Por 30 soldos de gesso terás doze centos de feno em cima da tua colheita ordinaria.

35.

Não semeies senão o que podes esterçar. Faze prados, cria gados, quantos possam esterçar todos os teus trigos.

36.

Não semeies em razão da terra que tens, mas em razão do esterco que tiveres.

37.

Quem semeia sem esterco, trabalha mal, arruína-se, e metterá a chave debaixo da porta.

38.

Uma cabeça de gado grosso esterca $37\frac{1}{2}$ ares ou 100 toezas quadradas: dez carneiros estercam outro tanto.

39.

Se a terra é fria e húmida, não estercará, senão metade, com a mesma quantidade de gado.

40.

Se tu não plantas alhos ou cebolas dous annos seguidos na mesma terra, para que has de semear o mesmo campo dous annos de trigo?

41.

A terra com a mesma cultura fatiga-se; as más herbas multiplicam; e não terás senão más espigas.

42.

As bellas espigas fazem as bellas colheitas.

43.

Cultiva de tudo, porque nem tudo falla no mesmo anno.

44.

Não te esqueças das batatas: ellas te manterão no anno de fome, e engordarão o teu gado no anno da abundancia.

45.

Não as mistures no pão: estrogarás sem proveito duas cousas boas.

46.

Faze-as cozer sem agua em uma panella de ferro bem tapada. Esmigalha-as quentes, e faze com ellas uma sopa espessa tres vezes no dia, com mui pouco pão. Padel-as-has assim comer quentes em lugar de pão; porque Deos disse: = eis aqui um pão já feito =.

47.

Acharás assim esta sopa excellente, e o teu celleiro não diminuirá. Assim se vive em todo o norte da Europa.

48.

Cria animaes de diversas especies; se um se não vende, o outro te dará dinheiro.

49.

Quem tracta do seu gado, tracta da sua bolsa.

50.

Engorda o gado antes de o venderes. A gordura diminue os defeitos.

51.

Semeia e cultiva para cada especie de gado; é preciso que tudo viva, e viva bem.

52.

Se não tens para gado grande, compra bezerros, ou cordeiros novos. Bem nutridos, dão mais ganho n'um anno, do que bois grandes em dous annos, sendo mal tractados.

53.

Terás promptamente esterco, dinheiro e trigo, e te tirarás de apertos, se fores economico e laborioso.

54.

Não ha boas receitas para os glutões, bebados, e preguiçosos.

J. Bujault de Melle.

1.

Homo sum, humani a me nil alienum puto.

TERENCIO in *Heautont.*

Eu [tambem sou homem, e não ha fraqueza, em que eu não possa cair.

2.

O melhor dos homens é aquelle, que tem menos vicios.

Vid. HORAT. Liv. 1.º Satyr. 3.ª

3.

Ha tal, que [hoje critica os que governam, e amanhã governaria muito mais mal, se por acaso lhe entregassem a auctoridade de mandar.

Os grandes empregos são como vidros de augmentar, porque fazem sobresair mais os vicios, que com pouco espirito pôde encobrir um simples particular.

Telemaco.

4.

Ainda que vejas fazer alguma coisa, que se não coadune ao teu modo de pensar, não a caracterizes logo de má. Póde ser que essa acção o não seja. V. gr.: vês tu, que um sujeito bebe muito vinho; não digas. = *Fuão é bebado* =; mas dirás que elle bebe muito.

EPICTETO *Manual* §. 71.

5.

O bom juiz ouve o que cada um diz.
*Qui statuit aliquid, parte inaudita altera,
Aequum licet statuerit, haud aequus erit.*
SENECA in *Medea*.

É para os juizes mui recommendavel esta curta sentença: = *Audi alteram partem* =.

6.

Parece de selvaticas brutezas
De peitos inhumanos e insolentes
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e amor desculpa.
CAMÕES, *Cant.* 10. est. 46.

7.

Cum enim vir a virtute nomen accipit, et mulier a mollitie, id est, fragilitate, quare contra crudelissimam libidinis bestiam vult unusquisque uxorem suam esse victricem, cum ipse ad primum libidinis ictum victus cadit?

Concil. Tribur. Cap. 46., apud COVARR. de matrim. p. 2.^a Cap. 7.^o §. 6.^o n.^o 12.

Boa lição para os casados, que não guardando fidelidade a suas mulheres, exigem dellas um dever, que elles não merecem.

8.

Se alguém diz mal de ti, debes lembrar-te, que ou elle diz a verdade, ou um aleive. Se a verdade, debes tirar dahi o partido de te emendar: se diz um aleive, debes perdoar-lhe, porque não é a ti que elle attaca, mas sim o vicio, que elle suppõe que tu tens.

EPICET. *Man.* §. 68.

9.

O mais feliz dos mortaes é aquelle, de quem ninguem
fala.

*Qu' heureux est le mortel, qui du monde ignoré,
Vit content de soi-même en un coin retiré!*

BOILEAU *Épitr.* 6.

10.

Salubrium consiliorum parens sobrietas.

A sobriedade é muito necessaria para a saude, e
para a virtude. Por tanto não comas até fartar-te, nem
bebas tanto, que te affecte a cabeça.

FRANKLIN.

11.

Pone, Domine, custodiam ori meo.

Psalm. 140. v. 3.

O silencio é virtude propria dos sabios.

Não digas coisa, que não seja util ou aos outros, ou
a ti mesmo. Evita as converssas frivolas.

Idem.

In multiloquio non deerit peccatum.

Proverb. Cap. 10. v. 19.

12.

Cada coisa em vossa casa tenha o seu logar, e cada
um dos vossos negocios o seu tempo.

FRANKLIN.

13.

Sê resolute a fazer o que deves; e fazo sem falta
aquillo, que resolveste.

Idem.

14.

Nenhuma despesa faças, que não seja para bem dos outros, ou para o teu proprio.

FRANKLIN.

15.

Não percas tempo: occupa-te sempre em alguma cousa util. Abstem-te de tudo o que o não é.

Idem.

16.

Sê sincero. Não uses de enganos; teus pensamentos sejam innocentes e justos; e conforma-te a elles, quando falares.

Idem.

17.

Não faças mal a ninguem, ou seja fazendo-lhe injuria, ou deixando de fazer-lhe o bem, a que o teu dever te obriga.

Idem.

18.

Evita os extremos. Não te offendas das injurias, que te fizerem, quando lhe hajas dado causa.

Moderação em tudo.

Idem.

19.

Limpeza. Não soffras porcaria em teu corpo, em teus vestidos, ou em tua casa.

Idem.

20.

Tranquillidade. Não te deixes attribular por bagatelas, nem por accidentes ordinarios e inevitaveis.

FRANKLIN.

21.

Castidade. Entrega-te raras vezes aos prazeres do amor. Não uses delles, senão por via da saude, ou de ter descendentes, e nunca com tal excesso, que teu espirito se embote, que percas as forças, ou que seja nocivo ao repouso e reputação de ti ou dos outros.

Idem.

Obra sempre conforme á natureza.

ZENON.

22.

Humildade. Imita a Jesus e a Socrates.

FRANKLIN.

23.

Sem trabalho nada é facil aos mortaes. O trabalho até augmenta a virtude.

24.

..... *Labor omnia vincit.*

Improbis, et duris urgens in rebus egestas.

VIRGIL. *Georg.* Liv. 1.º

25.

Não se nutre a virtude do descanso.

GARÇAO, *Ode* 13.

26.

..... Lembra-te
Gozar justo o presente, o mais vai indo ,
À maneira do rio.....

HORAT. Liv. 3.º, *Lyr. Od.* 24. Tom. 2.º pag. 127.

27.

Muitos desconsolam-se de não ter bastantes bens: e deveriam antes affligir-se de não saber contentar-se com o necessario.

28.

O que nos é preciso para nos manter, e vestir, e livrar do frio, é bem pouca cousa. Deseja-se o mais ou para nos conformar ao gosto dos outros, ou para os fascinar.

29.

Onde deve o coração buscar o socego? Não é certamente na alta fortuna, nem nos prazeres. Se estes duram muito, cançam-nos, e chegam até a desgostar-nos. Nos altos postos deseja-se o retiro, e nas grandes festas o repouso. A sabedoria só tanto mais se ama, quantos mais progressos faz.

30.

Sic praesentibus utaris voluptatibus, ut futuros non noceas.

SENECA.

Havemos usar dos prazeres presentes com tanta parcimonia, que nos não causem tédio os prazeres futuros.

31.

O tempo da adversidade é a estação da virtude.

YOUNG n. 20.

32.

A prosperidade faz descobrir os vícios, e a adversidade descobre mais as virtudes.

BACON.

33.

Galba, omnium consensu, capax imperii, nisi imperasset.

TACITO.

Solus imperantium, Vespasianus mutatus in melius.

Idem.

34.

Adoecer, envelhecer e morrer são os maiores males desta vida; e as riquezas não dão remedio a nada disto. Antes por via dellas se adoecem muitas vezes, se envelhece mais de pressa, e até ás vezes se morre primeiro.

35.

Passa o homem a sua vida em vãos projectos. Elle espera, trabalha, e se agita por via de outro dia, até que não ha mais outro dia para elle.

36.

Aquelle, que estima muito as riquezas e as honras,

ainda que seja sabio, não se guardará muito tempo da corrupção do seculo.

37.

Ha tal, que pensa morrer de gosto, quando obteve o seu primeiro emprego. Com o tempo vem a subir ás altas dignidades; e por fim morre de tristeza, por não ter obtido a primeira de todas.

38.

Sois já rico, e ninguem vos vê occupado, senão do cuidado de augmentar vossas riquezas. Para quem? Para vossos filhos? Talvez que lhes prepareis a sua perdição.

39.

Ao virtuoso os muitos bens são mais incommodos, do que uteis, porque distrahem a sua attenção. Mas o homem sem virtude não acha nas riquezas, senão novos meios de satisfazer seus vicios.

40.

O magistrado desinteressado não faz mais do que deve. Mas pouco é não cair no crime, quando se deve evitar até a suspeita delle.

41.

O verdadeiro meio de conservar um coração puro é prescrever limites a seus desejos. Neste caso se alguma vez nos afastarmos do caminho da virtude, bem de pressa tornaremos a entrar nelle.

42.

O horror do desprezo e da pobreza, e o amor das honras e das riquezas, eis aqui o que cega os mortaes. Porém ao verdadeiro sabio nem as honras, nem as riquezas o desviam um só instante do justo e do honesto.

*Si fractus illabatur orbis,
Impavidum serient ruinae.*

HOR., *Lyr.* Liv. 3.º Ode 3.ª

43.

Guarda-te que um funesto dote te faça escravo de uma esposa indigna de ti. Procura-se toda uma cidade para achar galgos de boa raça, e cavallos de boa qualidade; e não havemos fazer toda a diligencia por achar uma mulher virtuosa?

44.

Mulieris bonae beatus vir.

Eccles. Cap. 26. v. 1.

Não se comprem as bestas, sem as examinar bem primeiro; nem os cavallos, sem saber se são de boa raça: e vemos um homem honrado receber por esposa uma mulher mal criada, filha de um homem indigno. Mas que? ella traz consigo muito ouro.

Sê tu rico: eis aqui a virtude de hoje em dia; a maior parte dos homens não desejam outra alguma.

45.

Non possidentem multa vocaveris

Recte beatum: rectius occupat

Nomen beati, qui deorum

Muneribus sapienter uti.

HOR., *Lyr.* L. 3.º Ode 8.ª

A quem muito possui, não chamarás
Ditoso com razão: com mór justiça
De venturoso o nome ha quem sabe
Das dadas dos deoses
Prudente usar.....

46.

Se és pobre, e casas com uma mulher rica, não digas que casas, mas sim que te sujeitas á escravidão.

MENANDRO.

Intolerabilius nihil est, quam foemina dives.

JUVEN., Sat. 6.

Nec dotata regit virum

Conjux, nec nitido fudit adultero.

Dos est magna parentium

Virtus. . .

HOR., Liv. 3.º Lyr. Od. 19.

47.

Parece que conviria se tirasse o uso dos dotes. As mulheres procurariam então com mais cuidado de adquirir as virtudes, por que se fazem amáveis aos homens; e de se distinguirem por ellas, não podendo merecer preferencia pelas suas riquezas.

MERCIER.

Dummodo virgo morata recte sit, dotata est satis.

TERENT.

48.

Os vindouros successos providente

Em tenebrosa noite Deos encerra;

E zomba do mortal, se se elle inquieta

Mais do que deve.....

HOR., Liv. 3.º Lyr. Od. 21.

49.

Pela patria morrer é doce e honroso :
Segue a morte o varão tambem , que foge ;
Nem aos moços perdoa , que cobardes
Timidas costas voltam.

Hoá. , Liv. 3.º *Lyr. Od. 2.º*

50.

Aquelle, que tem a consciencia de seu proprio valor,
espera em paz que lhe façam justiça : aquelle, que não
está seguro do seu merecimento, vê-se obrigado a incul-
cal-o aos outros ; e por uma louca vaidade se faz ás
vezes desprezível.

Mor. univ. Tom. 1.º Cap. 10. p. 116.

51.

A gravidade nos costumes é uma attenção sobre si,
fundada no temor de fazer por inadvertencia acções ca-
pazes de indispor os entes, com quem vivemos.

M. univ. Tom. 1.º Cap. 12. p. 128.

52.

A coragem não é virtude, quando deixa de ter a
justiça por base, ou quando se presta á injustiça. A co-
ragem de um Romano, que nós achamos qualificada de
virtude por excellencia, não era sendo um attentado con-
tra os direitos mais sanctos de todos os povos do mundo.

M. univ. Tom. 1.º Cap. 13. p. 130.

53.

Os homens têm tamanha estima da coragem, que
até a admiram no crime. *Idem ibid.*

54.

O vulgo não julga util cousa, que não seja difficilto-
sa; a facilidade lhe é suspeita.

MONTAGNE.

55.

A verdadeira coragem é a firmeza no bem: a teima
é a firmeza no mal.

Mor. univ. Tom. 1.º Cap. 13. p. 133.

56.

Não ha espectaculo maior para Deos e para os ho-
mens, do que ver um homem de bem desafortunado.

SENECA, *ubi supra p. 135.*

57.

Ninguem ha, a quem o homem virtuoso não pareça
maior, quando supporta com coragem as injustiças da
sorte.

Mor. univ. Tom. 1.º Cap. 13. p. 135.

58.

Nada é mais necessario no meio das vicissitudes
continuas, a que as cousas humanas estão sujeitas, do
que estar sempre disposto a soffrel-as com paciencia.

Idem supra p. 136.

59.

Sem uma audacia generosa ninguem haveria, que ti-
vesse a coragem de annunciar a verdade. Ella não acha

commummente senão inimigos naquelles mesmos, que a deveriam tomar por guia.

Idem supr. p. 137.

60.

A verdade não é virtude, senão quando descobre aos homens objectos necesarios á sua felicidade e á sua conservação. Ella vem a ser um mal, quando os afflige sem proveito, ou quando prejudica a seus interesses reaes.

Mor. univ. Tom. 1.º Cap. 14. p. 140.

61.

Sic est vulgus, ex veritate pauca, ex opinione multa aestimat.

Cic., pro Rosc.

62.

Non ignara mali, miseris succurrere disco.

VIRGILIO.

A minha desgraça me ensinou a ser compadecida.

63.

Quid est sapientia? semper idem velle atque idem nolle.

SENECA.

64.

Os tempos pacíficos são melhores para viver; mas não são tão propios para fornecer materias a um escriptor. Assim como os altos montes offerecem mais divertidas vistas, porém para estas se gozarem é necessario

ter o trabalho de subir a elles: assim os tempos de desordens e tormentos são os mais cheios de instrucção.

BACON, *ap. Addison Works Tom. 4.º p. 454.*

65.

*Periculosum est credere, et non credere:
Utriusque exemplum breviter exponam rei.
Hippolytus obiit, quia novercae creditum est:
Cassandrae quia non creditum, ruit Ilium.
Ergo exploranda est veritas multum prius,
Quam stulta prave judicet sententia.*

PEDRO.

66.

Prius quam incipias, consulto, et ubi consulueris mature, factu est opus.

SALLUST. *in prooem. Catilin.*

67.

Para lograr a confiança dos povos, a justiça tem mais poder, do que alguma outra virtude.

CIC., *de Off. Liv. 2.º Cap. 6.º*

68.

O que é torpe em si, ainda que fique occulto, de nenhuma sorte se pôde tornar em honesto.

CIC., *de Off. Liv. 3.º Cap. 12.*

69.

È vergonha duvidarem os Philosophos do que os rusticos não duvidam.

CIC., *ubi supra.*

70.

O beneficio é um mal, se mal se emprega.
Cic., *de Off.* Liv. 2. Cap. 13.

71.

O maior fructo das riquezas é podermos ser liberaes,
sem destruímos o nosso patrimonio.
Cic., *ubi proxim.*

72.

Não é bom ter o seu cabedal fechado de modo que
a liberalidade o não possa abrir; nem tambem se ha de
ter tão patente, que todos se sirvam delle.
Cic., Liv. 2.º *de Off.* Cap. 11.

73.

*Mendicitatem et divitias ne dederis mihi, tribue tan-
tum victui meo necessaria: ne forte satiatas illiciat ad
negandum; et dicam: quis est Dominus? Aut egestate
compulsus furer, et perjurem nomen Dei mei.*
Proverb. Cap. 30. v. 8.

74.

A condição mediana parece ser a mais vantajosa
para adquirir a sabedoria. São diversas as produções da
riqueza e da pobreza. A humildade, a paciencia, a in-
dustria e a temperança são, o mais das vezes, as boas qua-
lidades do homem pobre. A humanidade, um bom na-
tural, a magnanimidade, e os sentimentos de honra são
muitas vezes as boas qualidades do rico.

75.

A pobreza é mãe da inveja, e a riqueza da arrogancia. A pobreza é muitas vezes acompanhada da fraude, de uma condescendencia criminosa, da amofinação, da murmuração, e do descontentamento. A riqueza expõe o homem á soberba, á luxuria, a uma louca elevação do coração, e a um excessivo amor deste mundo.

Spectator n.º 464. Tom. 3.º p. 569.

76.

De uma coisa têm falta os reis mais ricos da terra, e é — de quem lhes diga a verdade.

SENECA, *de benef.* Liv. 6.º Cap. 30.

77.

Os que dão dinheiro para obter os empregos, são bem comparados ás regateiras, que compram para tornar a vender.

78.

Qui festinat ditari, non erit innocens.

Proverb. Cap. 28. v. 20.

Quem de pressa enriquece, não está innocente.

79.

Ebriosus numquam locupletabitur.

Eccles. Cap. 19. v. 1.

Homem bebado nunca enriquecerá.

80.

Nós temos muito bons preceitos, e bellas maximas:

mas é para discorrer sobre ellas, e não para as practicar. Nossas acções desmentem as nossas palavras.

EPICTETO.

81.

O homem tem mais ou menos preço, conforme elle mesmo se estima. Por tanto estime-se cada um a si mesmo ou como homem livre, ou como escravo; que isto depende da vontade de cada um.

EPICTETO.

82.

Deos assim fórma as virtudes, como tambem prepara os trabalhos, que devem fazel-as exercer. Sem isto ellas seriam inuteis. De que serviriam a coragem e a força, se não houvesse inimigos a vencer?

83.

Não deixes para amanhã o que hoje podes fazer.

84.

Omnes divitiae de iniquitate descendunt: et nisi alter perdiderit, alter non potest invenire. Omnis dives aut iniquus, aut iniqui haeres est.

HIERONYM., *Epist.* 150., *et in Psalm.* 85.

85.

Otium sine literis mors est, et vivi hominis sepultura. Omnia nobis mala solitudo persuadet.

SENECA, *Epist.* 83.

86.

Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est.

SENEC., *de vit. beat.* Cap. 2.º

87.

*Est inter onus et honorem, non tam allusio vocis,
quam rei ipsius expressa veritas. Honor quippe ex onere
venit, aut potius ex honore onus.*

De brevitate vitae Cap. 2.º

88.

A força é a rainha do mundo: a razão é tractada
como uma escrava, que deve amoldar-se ás vontades da
ama.

89.

Procura-se mais vezes fascinar os olhos da multidão,
do que seguir os nossos verdadeiros interesses. E por
uma paixão bem estranha da natureza humana, traba-
lha-se infinitamente mais por parecer feliz, do que
pelo ser.

Spectator.

90.

Muito diz quem não diz tudo;
Porque a um discreto pertence
A tempos fazer-se mudo.

CAMÕES, Tom. 5.º

N. B. Não me tenho achado mal com esta regra;
e algumas vezes me tenho arrependido de falar.

91.

A mão callosa do severo tempo
Erige em leis os mais crueis abusos;
E o vulgo respeitoso abate a fronte
Perante os erros da remota idade.

MOUSINHO, Georgic. Cant. 3.º

ANTIGUALHAS.

Um preso concertou com o carcereiro o fingir-se morto, para, quando o levassem à igreja a enterrar, se evadir. Sendo depois apanhado e processado, houve empate de votos, uns que fosse morto, outros absoluto. O rei D. João II. foi consultado, e disse: = Peza-me do que o réo escape ao castigo; porém concordo com os que absolvestes; porque não convem ao príncipe inclinar-se à parte rigorosa. = *Practicava o calculo de Minerva.*

FARIA E SOUSA, *Europa Tom. 2.º n.º 94. pag. 468.*

Em uma sessão da Relação de Lisboa, a que assistiu el rei D. João IV., deliberou-se, se devia, ou não, ser solto um réo accusado de juramento falso, que tinha fugido da cadeia; e a chamada do corregedor tinha ido a casa deste, fiado na promessa, que o corregedor lhe fez, de o não prender: foi, mas ao sair da casa d'elle, o carcereiro o agarrou na rua, e o conduziu à prisão. O preso allegava, que devia ser solto, porque uma auctoridade judicial não devia enganar a alguém. O rei foi deste voto, e o preso posto em liberdade.

ANT. DE SOUSA DE MACEDO, *Decis. 71. n.º 19.*

Manoel Mendes de Castro conta, que no seu tempo uma mulher de Beja foi culpada na morte do marido. Querendo-a metter a tormentos para confessar o crime,

o confessou com o terror delles. Sendo condemnada á morte, appareceu o marido vivo e são.

Por onde se póde julgar o quanto o uso da tortura era iniquo.

MEND. DE CASTR., 1.^a Part. Liv. 5.^o Cap. 1.^o n.^o 89.

Por morte de um administrador d'um morgado o filho primogenito achava-se captivo dos Mouros; uma irmã metteu-se de posse do vinculo. Nomeou-se curador ao ausente, e este requereu a posse; a irmã dizia, que o irmão captivo era incapaz de succeder, como escravo que era dos inimigos: mas não lhe valeu a defesa, e foi condemnada a restituir o vinculo.

VALASC., Cons. 30. n.^o 10.

Antonio Mendes Arouca conta, que um fidalgo de seu tempo aproveitára o papel branco, que ficou por cima do nome de um sujeito, que lhe escreveu uma carta, e nelle fez escrever uma obrigação de divida de grande quantia. Com este titulo demandou o falso devedor, obteve a sentença, e executou-o. Depois de ter o dinheiro na mão, restituiu-lh'o; advertindo-o, que para outra vez não fosse tão cortex.

Houve muitos, diz Arouca, que não louvaram o facto; por isso não declara o nome do fidalgo. Em vez de louvar esta bulra, eu a puniria como criminosa pela falsidade da obriga.

AROUCA, á L. 11 ff. de just. et jur. n.^o 6.^o

Branca da Rocha, mulher de Rodrigo Monteiro, morador na quinta de Val-maior, da Honra de Teixeira,

de um parto pariu 14 filhos, que todos foram levados á igreja a baptizar. — Ignez, do casal de Guidoi, freguezia do Mosteiro d'Adaufe, junto a Braga, foi casada com sete maridos, e de todos teve filhos. Entre filhos, netos e bisnetos chegou a contar cento e nove pessoas. Perguntada pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, a qual dos maridos tivera mais amor, e a qual dos filhos, respondeu prudente, — que amava mais o marido vivo, e o filho mais novo. — Maria Lopes, da Ponte da Barca de Nobrega, contava entre filhos e netos cento e vinte, oitenta dos quaes via todos os dias.

MAN. BARBOSA, á *Ord.* Liv. 4.º Tit. 105. *pr.* n.º 2.º

Houve duvida, se Luiz da Mota se devia reputar collaço d'el rei D. Henrique I. de Portugal, por isso que este rei, estando velho e doente, se servia do leite de Maria da Mota, mãe do sobredito Luiz, que lh'o aconselharam os medicos; e isto quando ella criava este filho.

FEBO, *Dec.* 168. n.º 3.º

O juizo da cruz, que se usou na decadencia do Imperio Romano, era do modo seguinte.

Cada um dos contendores litigantes appresentava um campeão da sua escolha. Ambos se appresentavam na igreja diante do altar com os braços em cruz; o que primeiro deixava cair os braços, por não poder mais, perdia a causa. Deste modo decafu o bispo de Paris em 775 da demanda, que movia ao cura de S. Diniz sobre a posse de uma pequena abbadia.

MABILLON, *de re diplom.* Liv. 6.º pag. 498.

Já vi nesta corte, diz o Padre Theodoro d'Almeida,

livrar um homem da forca com a folhinha de algibeira. Por ella se mostrava não ter havido luar naquella noite, em que se dizia perpetrado um homicidio; e uma testemunha da culpa tinha jurado, que á luz do luar tinha conhecido o réo, a quem imputava a morte.

Recreaç. Philosoph., Tom. 7.º *Tard.* 45. pag. 420.

O carcereiro da corte, e o meirinho com seus homens levarão os presos fazer suas necessidades, duas vezes no dia, quando não houver outro remedio para sua ida fóra se poder escusar.

Ord. Liv. 1.º Tit. 33. §. 2.º

Francisco Sarmiento, bispo de Astorga, deriva a palavra = Fidalgo = da Latina = Italicus =. Por este modo os cidadãos daquellas provincias, a que se tinha concedido o *Jus Italicum*, eram Fidalgos: e gozavam da isenção de certos tributos. L. 1. *ff. de censib.*

SARMENT., Liv. 1.º *Select. interpr.* Cap. 15.

Os rendeiros das sizas cheguem aos mercadores, que mercadorias tiverem para vender, e requeiram-lhes que as mostrem, e digam quaes, e que jandas são, para o escrivão as escrever em seu livro.

Artigos das Sizas Cap. 17.

Os juizes das sizas mandem escrever ao escrivão das sizas todas as ditas cousas (que tiverem sido apprehendidas), que jandas são, e o dia e horas, em que foram tomadas.

N. B. Se *jandas* é adjectivo de quantidade, ou de qualidade, não sei.

Art. das Sizas Cap. 23.

No Minho, diz Manoel Barbosa á Ord. Liv. 5. Tit. 80. §. 1.º n.º 3.º, que os lavradores e outros usavam levar ás feiras e romarias páos compridos, em que inseriam lanças muito agudas, com as quaes faziam mortes e ferimentos: e a isto chamavam *bisarmas*. Este nome é muito bem expressivo, e pôde quadrar aos páos de choupa, que ainda hoje se usam: porque, tirada a choupa, são uma especie de armas; e entarraxada ella, são como lanças: por isso são *bis armas*.

Gabriel Pereira de Castro Dec. 84. n.º 3.º diz, que a Relação julgára muitas vezes não ser usura o dar dinheiro a juro a seis e quarto por cento, porque pessoas religiosas e de sanctidade não tinham escrupulo de levar aquelle juro.

Vai-se introduzindo no vulgo a phrase *quezila*, e *quezilar*, equivalentes de *zanga*, e *zangar*. Aquellas palavras, por ora plebeias, e incognitas nos nossos Dictionarios, parece terem origem Africana. No reino do Congo os feiticeiros persuadem aos negros, que certas cousas são objectos de *kejilla*. Merolla conta que um mancebo negro tinha *kejilla* com os patos bravos: indo de viagem, ficou em casa de um seu conhecido, que lhe offereceu da sua ceia, e era um pato bravo; mas conhecendo que o amigo tinha *kejilla* com aquella ave, disse-lhe que era um pato domestico. Comeram ambos, e dahi a quatro annos tornaram a encontrar-se: o que tinha feito o engano, disse ao outro, se elle queria ajudal-o a comer um pato bravo. Recusou este, dizendo que era a sua *kejilla*: o outro replicou-lhe que lhe não fazia mal, assim como não fizera, quando em outro tempo lhe tinha

dado de cear. O negro horrorizou-se de tal modo, que entrou em convulsões, e dentro de 24 horas morreu.

Hist. ger. das viagens de LA HARPE, Tom. 3.º
pag. 346.

O auctor do Decreto de 18 de Maio de 1832 art. 63., recopilado em a *Nov. Ref.* art. 454., confundiu a emancipação com o supplemento de idade. Para o supplemento de idade exigia a Ord. Liv. 3.º Tit. 42. *pr.* os 18 e 20 annos, que adoptou o auctor do citado Decreto. Para a emancipação paterna nunca houve idade; o pae podia emancipar o filho, ainda que estivesse na infancia. L. 5. *Cod. de emancip. liber.* O que agora se entende prohibido por aquelle art. 454. da *Nov. Ref.*

Esta alteração de direito em alguns casos pôde ser muito prejudicial aos menores. Se lhes for deixado um legado para quando forem casados, ou emancipados, como no caso referido por Solano *Cogit.* 67., podem perder o legado, se fallecerem antes dos 20 annos, porque o pae os não pôde emancipar, ainda que queira; o que é durissimo. *Tractent fabrilia fabri.*

NENIA,

QUE ÁS

EXCELLENTISSIMAS SENHORAS

VIUVA E FILHA

DO

Dr. José Homem Corrêa Telles,

NO DIA, EM QUE |

NA

IGREJA MATRIZ DE ESTARREJA

SE CELEBRARAM AS EXEQUIAS D'ESTE SENHOR,

D. E O.

José Maria Vellosos

LIBRARY

OF

THE UNIVERSITY OF TORONTO

1827-1828

THE UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY

OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

1827-1828

1827-1828

THE UNIVERSITY OF TORONTO

NENIA

PELA MORTE

DO

SENHOR JOSÉ HOMEM CORREIA TELLES.

*Fidelia omnia mandata ejus; confirmata
in saeculum saeculi, facta in veri-
tate et aequitate.*

PSALM. 110. vers. 8.^o

Como o sol, que resplende em seu occaso,
Deixando ondas de luz do mar na estancia,
Que, soberba, o encerra,
Eterna brilhará tua gloria; eternos
Teus pensamentos darão luz ao mundo,
Erguendo a patria terra!

Caíste ao sopro da terrível morte,
Legislador profundo, homem sublime,
Teu corpo em terra jaz!
No pó, que ennobreceste, eis-te envolvido,
Para mais não voltar do mundo á face;
Mas oh! descança em paz:

Que ás cinzas tuas dão tributo amigo
Tua Esposa fiel, tua Filha chara,
Portentos de piedade!

Que os bons amigos teus suspiram ; choram ,
Porque os deixaste sós , transpondo o termo
Da vida á eternidade !

Descança em teu jazigo , onde se acoitam ,
Depois do afan da vida , os tristes restos ,
Os ossos do mortal !

Repoisa ali p'ra sempre ! Em tanto a fama
Na Europa bradará : Não vive o Sabio ,
Honra de Portugal !

E sabio , e justo , e grande , e recto , e probó
Pagou tributo ao Ser , deixando a vida ,
E foi gozar dos Céus !

Nós todos vamos pois lamento eterno
Depositár na campa , e por su' alma
Orar ao Senhor Deos !

Vamos lagrimas dar-lhe , e encher de flores
O mausoleu , que o cobre : o adeos extremo
Alli lhe vamos dar .

Da Patria em lucto ao pranto o lucto amargo
Dos nossos corações em pranto immersos
Sabemos nós junctar .

Choremos , Patria , choremos ,
Que este pranto , que vertemos ,
Bem mer'cido e justo é !
Mandemos , Patria , mandemos
Nós ambos , que temos fé ,
Ao Rei dos Céos oração
Fervente de devação ,
E ao finado uma canção
De seu jazigo ao pé .

Rei dos Céos , fez-Te ruim mal
Este pobre Portugal ?

Fez-Te mal? Dize, Senhor?
Responde, Deos Immortal,
Deos de paz, e Deos d'amor,
Para que viesse a morte
No seu rabido transporte
Roubar-nos o homem, norte
Dos mais sabios, brilho e flor?!

Rei dos Céos, porque privaste
A terra, que tanto amaste,
Do seu mais vivo pharol?
Porque a morte decretaste
Dos Portuguezes ao sol?
Oh! quizeste-o ledo ahí
No Teu Throno juncto a Ti,
Onde elle fulge e sorri,
Qual matutino arrebol.

Adoramos-Te, Jesus,
Cujo Sceptro é a Sancta Cruz,
Em Teus Altos Pensamentos!
Eterna vida da Luz,
Tu, Creator dos portentos,
Escuta a alma do justo,
De saber'genio robusto,
Que viveu, morreu sem susto
Fiado nos Mandamentos.

E tu, homem, que esta vida
Levaste ao cabo, cumprida
Como bom, fiel christão,
Ouve — tua esposa q'rida,
E filha têm coração.
Uma ao homem, outra aos paes,
A qual d'ellas mais e mais,
Carpindo, rendem seus ais,
Saudadé e viva paixão.

Oh! bem haja o seu sentir ;
Seu lamentoso carpir ,
Seu tão piedoso pensar :
Bem haja quem no porvir
Os teus restos quer guardar :
Quem mostra o seu sentimento
E no peito , e no moimento :
Quem não cessa um só momento
De teu nome erguer e honrar ,

Descança , homem , descança ,
Que nós temos viva esperança
Na eternidade e em Deus !
Temos bemaventurança
Lá nas alturas dos Céos !
A noss' alma é immortal ,
A gloria é eternal ,
Onde , liberto do mal
Gozarás dos premios teus .

Sobre a tua sepultura
Minh' alma , toda tristura ,
Toda lucto , e magoa , e dó ,
N'essa pedra , que é tão dura ,
Vai depôr um verso só ,
Um verso meditabundo ,
Um verso , que diga ao mundo :
*« O Legislador profundo
« Não é mais que cinza e pó ! »*

FIM.

